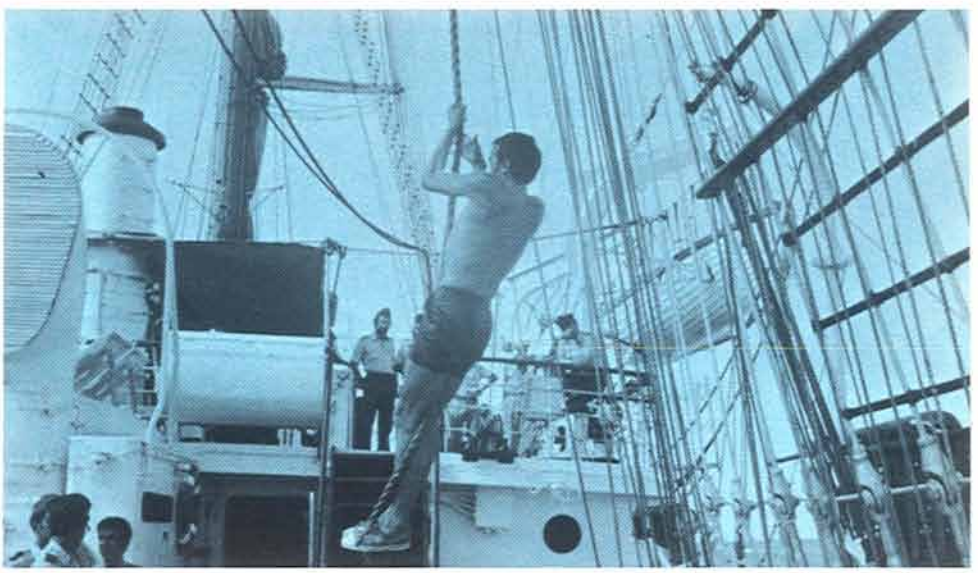
N.º 34 / JULHO 1974 / ANO IV

# revista da ARMADA

# Sumário


| | | Pág. |
|---|---|---|
| M. do Vale | **Nota de Abertura** | 3 |
| M. Horta | **Efemérides Navais** | 4 |
| Redacção | **Saibam todos** | 5 |
| M. Horta | **Notícias Pessoais** | 5 |
| O. Lemos | **Ciências, Artes e Letras**<br>O Sistema Terra-Lua e as Marés | 6 |
| Redacção | **Voz da Abita** | 9 |
| O. Lemos | **Fazer uma Revista** | 11 |
| S. Elpídio | **Terminologia Naval** | 13 |
| M. do Vale | **O Dia da Marinha** | 14 |
| G. Brandão | **Filatelia** | 16 |
| Redacção | **Posse do 11.º Chefe de Estado da República Portuguesa** | 18 |
| M. do Vale | **Conversa entre Marinheiros** | 20 |
| S. Oliveira | **Desportos** | 26 |
| B. Carreira/O. Lemos | **Curiosidades** | 26 |
| S. Elpídio | **Reportagem** | 28 |
| S. Machado | **Quarto de Folga** | 32 |


*Navio-escola "Sagres". Mesmo a navegar não se pode descurar a preparação física*



**REVISTA DA ARMADA**
Publicação Oficial
do Ministério da Marinha

*Director e Editor:*
Comodoro António Júlio Malheiro do Vale

*Orientação gráfica:*
Hernani Lopes

*Publicação mensal*

*Propriedade*
do Ministério da Marinha

*Redacção e Administração*
Ministério da Marinha
Praça do Comércio
Telefone: 36 89 60

N.º 34 / JULHO DE 1974 / ANO IV

| | |
|---|---|
| Preço de venda avulso | 5$00 |
| *Assinaturas anuais:* | |
| Continente, Ilhas, Ultramar, Espanha e Brasil (via normal) | 50$00 |
| Estrangeiro, excepto Espanha e Brasil (via normal) | 68$00 |
| Ilhas (via aérea) | 75$00 |
| Ultramar (via aérea) | 137$00 |

Na capa:

**Navio-Escola «SAGRES» – Honras militares.**

*(Foto de A. Fernandes, Fotóg. do Gab. de Fotogr. do EMA)*

**Execução gráfica:**
LISGRÁFICA, Impressão e Artes Gráficas, S. A. R. L.

# Nota de Abertura

## O 25 de ABRIL

Propositadamente deixámos passar todo este tempo sem dedicar uma «Nota de Abertura» ao Movimento das Forças Armadas. Queríamos deixar serenar os ânimos... É que, na verdade, para quem viveu os últimos 50 anos da nossa história, o 25 de Abril parece um sonho! Como foi possível, numa só manhã e sem um tiro, derrubar um regime tão poderoso e tão bem guardado? Só uma operação magistralmente concebida e executada por militares de génio pôde realizar esse milagre. O regime caiu sem que ninguém o defendesse. Parece que estávamos todos à espera disto. Glória, pois, às Forças Armadas.

Não devemos, porém, esquecer todos aqueles que, neste meio século, conservaram viva a chama da revolta, nunca esmorecendo e tudo arriscando. Que a manhã de 25 de Abril, luminosa e quente como foi, seja o símbolo dum Portugal renovado.

*Com.*

# Efemérides Navais

# ANTÓNIO MARIA CARDOSO

## Um nome... Uma rua... Uma pessoa...

Apesar de assíduo frequentador do São Luiz, nos tempos de mais jovem nunca havia ligado o nome da rua onde aquele cinema – hoje teatro – se encontra à figura que se pretendia perpetuar. Todavia, a notícia «Aquela rua...», assinada por J. França, inserida na secção «Cidade» de um dos números de Maio passado de «O Século», veio dizer-nos que António Maria Cardoso – é este o nome da rua – era um Marinheiro.

Mas antes de traçarmos uma pequena biografia do capitão-de-fragata António Maria Cardoso, transcrevemos, com a devida vénia, a notícia citada.

«AQUELA RUA...

Legenda inocente é o nome daquela rua, ali à beirinha do Chiado. Todavia, e por muitos anos de vida amarga e assustada, esse nome tornara-se odioso, temido, apavorante, mesmo para quantos iam ao São Luiz ou ao Chiado Terrasse. Essa rua chamava-se e ainda se chama António Maria Cardoso. O pavor morava num prédio, mas era como se fosse toda a artéria. Quem estas linhas escreve, escreveu neste mesmo jornal, em 8 de Março de 1971, que «o Teatro Municipal deveria ficar no prolongamento da Avenida da Liberdade, lugar amplo, claro, arejado, em vez de quedar-se, um tanto contrafeito, na Rua António Maria Cardoso...». Assim mesmo, com reticências e publicado na segunda página. Porém, esse teatro ali se afoga, e não só o teatro; também a antipatia dos cidadãos ali se queda, indecisa, perante essa legenda inocente. Necessário será dizer-lhes que António Maria Cardoso nada tem a ver com a desumanidade de uma polícia execrável. Seu nome, segundo nos parece, não precisa de ser lavado, mas somente desagravado. Isso é importante. Oficial de Marinha, ele foi, ao lado de Serpa Pinto e de outros desbravadores, não só o explorador dos matos moçambicanos, mas o diplomata junto daquelas gentes nativas, porque então, na segunda metade do século passado, a política era outra. Seja como for, António Maria Apesar de assíduo frequentador do São Luiz, nos tempos de mais jovem, nunca havia ligado o nome da rua onde organização de patifes. Usando a água e o sabão de uma limpeza necessária, alguém tem de lavar essa rua – talvez todos nós tenhamos de a lavar – e de dizer que não era qualquer um, fora dos favores fascistas, que ostentava no peito as distinções da Torre e Espada e do Comportamento Exemplar. António Maria Cardoso ostentava-as. – J. França»

*António Maria Cardoso nasceu em Lisboa a 5 de Maio de 1849. Assentou praça na Armada em 1862 e era capitão-de-fragata em 1895. Faleceu em Lisboa, a 17 de Novembro de 1900. Em 1890 foi eleito deputado da Nação.*

*Quanto à sua acção em Moçambique, à humanidade como actuou e às condecorações que possuia, está tudo sintetizado na notícia transcrita.*

*M. Horta*
*Sarg.-aj. L*

---

*Rectificação*

## "RÁDIO OCEANO"

Por lapso tipográfico saíu errado o nome do autor do artigo em epígrafe publicado no número anterior, que é de M. de Fraga Júnior, a quem apresentamos as nossas desculpas.

# Saibam Todos

**Que** até ao dia 15 de Novembro próximo, os encarregados de educação de descendentes de praças da Armada, cujos filhos frequentaram no ano lectivo findo (1973/74) os liceus ou escolas técnicas, poderão habilitar-se ao Prémio Marinheiro Artilheiro António Ferreira.

**Que** o referido Prémio, dividido em duas alíneas, no valor aproximado de 2500$00 cada, destina-se a premiar classificações elevadas nos seguintes cursos:
*a*) 1.º ciclo dos liceus e cursos equivalentes das escolas industriais, comerciais e agrícolas;
*b*) ciclo preparatório do ensino secundário e cursos equivalentes.

**Que** não poderão concorrer aos prémios os alunos que tenham mais de 17 e 14 anos de idade completados no ano civil da habilitação, respectivamente para os cursos das alíneas *a*) e *b*) do ponto anterior.

**Que** a habilitação deverá ser feita em carta registada dirigida ao presidente da direcção do Clube Militar Naval, Praça do Marquês de Pombal, 2 – Lisboa 2.

**Que** a direcção daquele Clube encarregar-se-á da obtenção dos respectivos certificados.

*

**Que** por recente alteração à O.S.N., os militares da Armada poderão usar os tipos de penteados de sua preferência desde que o cabelo se apresente limpo, aparado e bem penteado e não interfira com o uso de qualquer equipamento militar ou artigo de uniforme.

**Que** igualmente poderão ser usadas barba, bigode, pêra ou patilhas desde que se apresentem devidamente cuidadas, não implicando aparência de desmazelo.

**Que** sempre que do uso das faculdades referidas nos dois pontos anteriores resulte necessidade de alteração do bilhete de identidade militar, deverá promover-se a respectiva substituição.

**Que** os oficiais, aspirantes a oficial e cadetes da Armada, durante o período de uso de uniformes de tempo quente, poderão utilizar uniformes em vigor mais consentâneos com as condições climatéricas do Continente e das Ilhas Adjacentes. Assim, naqueles territórios, poderão fazer uso do uniforme n.º 5-B ou do n.º 6-B, nas condições previstas para uso do uniforme n.º 3-B, sempre que as condições de clima o justifiquem.

**Que** pelo motivo acima exposto, naqueles mesmos territórios, os sargentos e as praças da Armada poderão também fazer uso simultâneo do uniforme n.º 4 ou do n.º 5, nas condições previstas para o uso do uniforme n.º 2, sempre que as condições de clima o justifiquem.

**Que** aos sargentos da Armada está autorizada a entrada e saída das suas unidades com trajo civil, concessão limitada unicamente às condições materiais de acomodação das respectivas unidades.

# Notícias Pessoais

*CASAMENTOS*

Guarda-marinha José Carlos Torrado Saldanha Lopes com D. Maria da Graça Neto de Almeida e Brito, em 7-4-74.

1.º-sarg. FZE Manuel da Silva Pereira com D. Crisálida de Oliveira Cardoso, em 29-4-74.

1.º-sarg. ARE Benigno Pombo Fernandes com D. Etelvina Ferreira Puga, em 17-4-74.

1.º-sarg. ARE António da Silva Pinheiro com D. Lucília Miranda Pintado da Silva, em 31-3-74.

810/71/Mar. CM Aníbal de Jesus Correia com D. Néli Maria dos Santos Filipe, em 4-5-74.

1369/72/Mar. R José Manuel Daniel Francisco com D. Maria Manuela da Costa Pereira Daniel, em 20-4-74.

1787/72/Mar. E Manuel Àrmindo Ferreira da Silva com D. Rosa Maria dos Santos Lima, em 14-4-74.

2824/72/2.º-gr. S Domingos Teixeira de Sousa com D. Alice de Jesus Pereira, em 21-4-74.

2388/73/2.º-gr. A Carlos Alberto Lourenço Antunes com D. Maria Augusta Mendonça de Sousa, em 6-5-74.
238/74/2.º-gr. E Joaquim Manuel Pimentão Ramalho com D. Maria de Lurdes Cabrita, em 7-4-74.

### *PASSAGEM À RESERVA*

C.-alm. Lino Paulino Pereira, em 13-5-74.
C.-alm. Henrique Mateus da Silveira Borges, em 9-5-74.
Com. Alberto Magro Lopes, em 13-5-74.
Com. António Augusto Peixoto Correia, em 13-5-74.
Com. António Duarte Pedroso da Cruz Filipe, em 13-5-74.
Com. João Carlos Gomes e Trindade, em 13-5-74.
Com. Mário Santos, em 13-5-74.
Com Manuel Jacinto Pereira, em 13-5-74.
Com. Fernando Teia dos Santos, em 13-5-74.
Cap.-m.-g. Leão Maria Tavares Rosado do Sacramento Monteiro, em 23-5-74.
2.º-ten. SG Ferrer Teles Margarido, em 6-5-74.
2.º-ten. SG Domingos Ferreira Duarte, em 22-2-74.
2.º-ten. SG Joaquim José de Araújo, em 24-5-74.
1.º-sarg. CM José Pereira Leitão, em 10-5-74.
742/C. aux. Manuel Maria Gonçalves Andrade, em 8-5-74.
1498/C. CM José dos Reis Belo, em 22-4-74.
1578/C. M Manuel Malta Vital, em 8-5-74.
2144/C. A António Pereira Pinto, em 16-4-74.
2818/C. CM Afonso Marreiros, em 2-5-74.
1805/64/Mar. FZ Crisóstemo Nunes Leitão, em 30-4-74 (RF).
952/65/Mar. FZE Valdemar Augusto Monteiro, em 4-4-74 (RF).
927/69/Mar. FZ Manuel Armando da Silva, em 5-4-74 (RF).

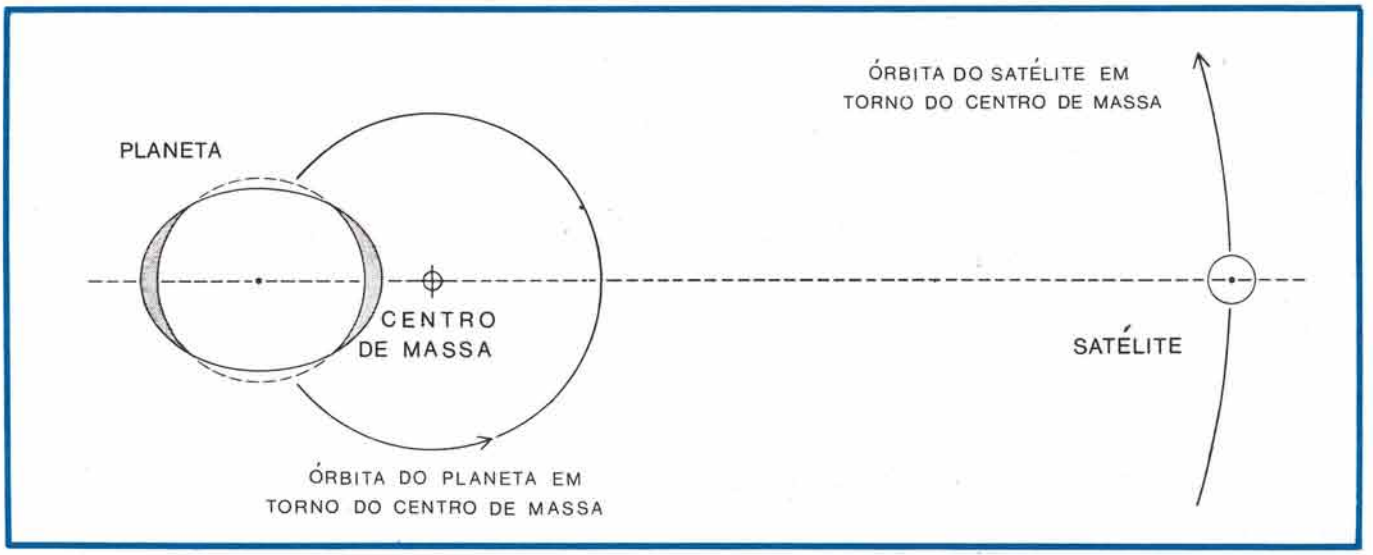
### *FALECIMENTOS*

Cap.-ten. RF António da Costa Gomes, em 28-5-74.
1.º-ten. SG RF António Pires Taborda, em 8-5-74.
1.º-ten. SG RF João dos Santos Almeida, em 23-5-74.
2.º-ten. SG José Mascarenhas Sineiro, em 6-5-74.
2.º-ten. SG RA Carolino Augusto Ribeiro de Lemos Ferreira, em 7-5-74.
1.º-sarg. E RA José Baptista, em 21-4-74.
1.º-sarg. SG RF António José Teixeira, em 12-4-74.
2.º-sarg. E José Carlos Gomes de Oliveira, em 19-5-74.
866/1.º-coz RA António Estrela, em 21-5-74.
1235/C. V RA Anselmo Nunes Ferreira, em 9-5-74.
1695/C. C RA Horácio das Neves Alves, em 8-4-74.
2479/C. CM RF Manuel António Rosado, em 16-4-74.
2405/70/C. H Sérgio Manuel Peguinho Borrega, em 30-4-74.
1071/65/Mar. TFH Alfredo da Conceição Machado, em 2-5-74.
António Augusto Ribeiro, escriturário de 1.ª classe do Q. P. C. M. M., em 19-5-74.

# Ciências Artes e Letras

## O SISTEMA TERRA-LUA E AS MARÉS

Como toda a gente sabe, as marés são motivadas pela atracção da Lua e do Sol sobre a Terra. O que já é, certamente, menos conhecido é o efeito das marés na dinâmica do sistema Terra-Lua.
As marés oceânicas movimentam massas de água colossais que vão ocasionar correntes e turbulência, dissipando-se essa energia sob a forma de calor proveniente do atrito nos fundos e margens e da fricção intermolecular. Por outro lado não é apenas a massa líquida que está sujeita ao efeito da maré. As massas continentais também o estão e a maré terrestre é um facto, embora as ampli-



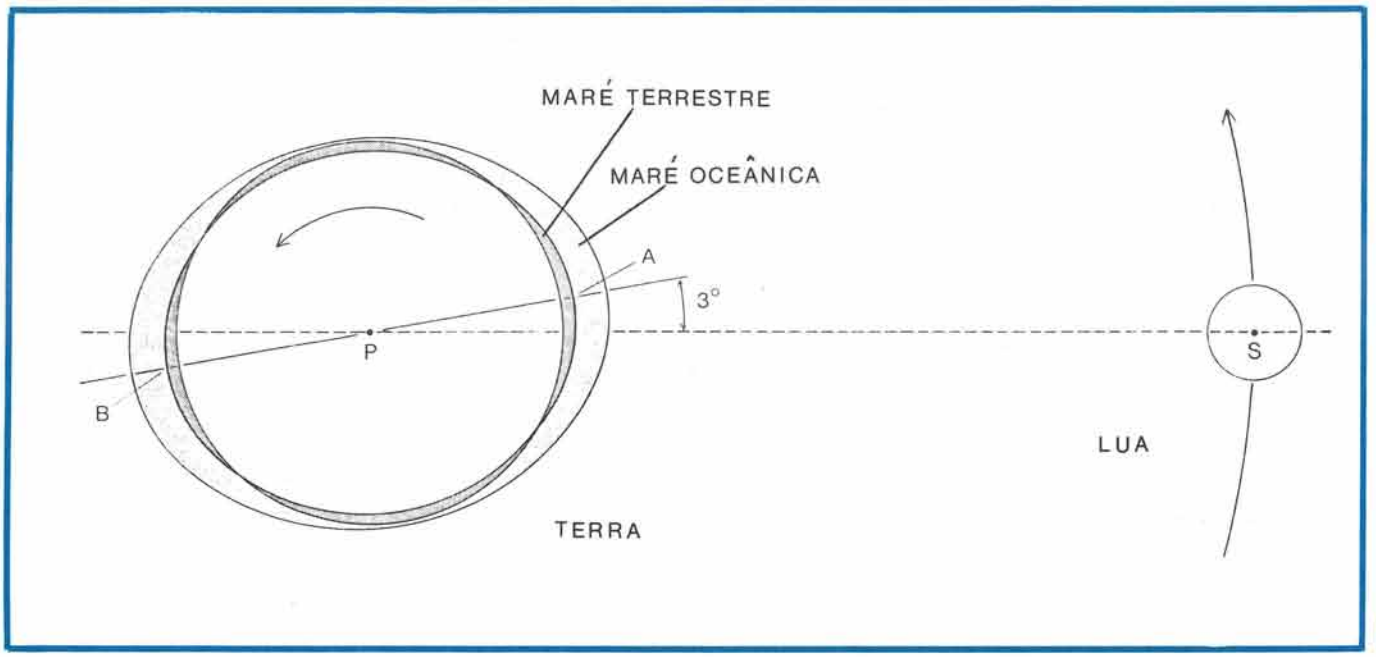

*A Terra e a Lua giram em torno do centro de massa. A força centrífuga nos pontos da Terra mais afastados do centro de massa e a menor atracção exercida sobre eles pela Lua (por se encontrarem mais distantes) fazem que também haja maré na face da Terra oposta ao nosso satélite.*

tudes, por se tratar de matéria não fluida, sejam muito menores. Mas os continentes também se erguem à passagem da Lua sobre eles.

A energia mecânica posta em jogo nas marés é tirada da que mantém os movimentos de rotação da Terra e translação da Lua. A degradação da energia mecânica sob a forma de calor é uma transformação não reversível e como tal conduz a uma diminuição do momento de inércia de todo o sistema. Como consequência disso o nosso planeta tem tendência a diminuir a sua velocidade de rotação e a Lua a aumentar a sua distância à Terra. Aquela primeira consequência teve já a sua verificação prática e a duração do dia aumenta de 2 milisegundos por século enquanto a Lua se vai afastando de nós cerca de três centímetros por ano. As medidas de distância efectuadas por raios LASER (e que se tornaram viáveis com a colocação de reflectores especiais na superfície lunar durante os voos «Apolo») confirmam esta circunstância.

Analisemos os factos do ponto de vista teórico, considerando um planeta materialmente homogéneo e elástico e um satélite em órbita circular no plano do equador desse planeta teórico. (Como sabemos, a Terra não é um planeta homogèneo mas a sua elastici-

*As massas erguidas pela maré são arrastadas pelo movimento de rotação da Terra e não ficam alinhadas com a direcção dos centros. Há um desfasamento de cerca de 3º o que provoca um efeito de torção sobre a Lua que tende a aumentar-lhe a velocidade à custa da rotação da Terra.*



dade é conhecida e a frequência da oscilação natural pode ser determinada a partir da propagação das ondas sísmicas.)

A força de atracção do satélite fará que o planeta se apresente distorcido na sua forma, apresentando a configuração de um elipsóide. A distorção tem lugar pelo facto de a atracção ser maior no lado do planeta que está mais perto do satélite do que no lado oposto. Embora a força gravitacional diminua com o inverso do quadrado da distância (como se aprende no liceu) o certo é que a altura da deformação (maré) varia segundo o inverso do cubo da separação entre planeta e satélite. As marés são, portanto, devidas a essa diferença de atracção da Lua nas faces opostas da Terra. (Para o nosso caso, a atracção do Sol tem muito menor importância.) Verifica-se, no entanto, a existência de «maré cheia» em pontos opostos do planeta, simultaneamente. Porquê isso? É que o planeta e o satélite formam um sistema mecânico em que ambos rodam em torno do centro de massa do sistema, como mostra a figura. Não se trata, portanto, como poderíamos ser levados a supor, de um satélite circulando em torno de um planeta fixo (abstraindo do seu movimento de translação próprio).

O centro de massa, para o caso da Terra, não está fora dela como a figura indica, mas sim dentro dela, a cerca de 1600 quilómetros da superfície.

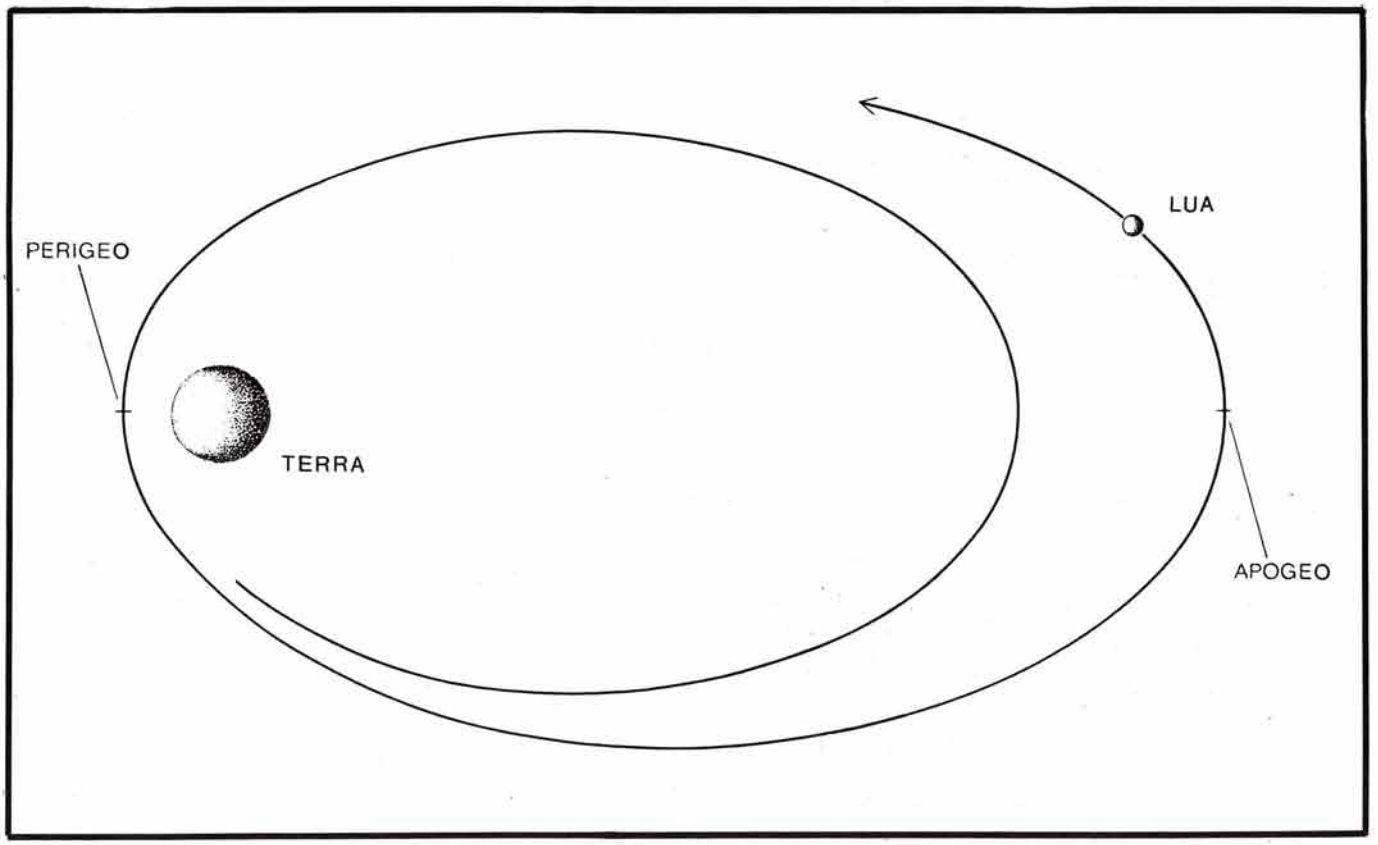
A força centrífuga resultante deste movimento circular do planeta em torno do centro de massa do sistema varia, para cada ponto do planeta, com a distância a esse centro. É maior para os pontos mais afastados. Ela fará que haja levantamento do lado oposto ao centro de massa. É este efeito, conjugado com o diferencial da força de atracção do satélite em faces opostas do planeta, que ocasiona a existência de duas «marés cheias». No caso da Terra, a altura destas marés é limitada pela elasticidade do planeta (maior para os oceanos do que para os continentes) e pela própria gravidade terrestre. A existência de atrito e de um grau de elasticidade que impede a deformação instantânea como resposta à força de atracção faz que essas marés cheias tenham lugar, em cada ponto da Terra, um certo tempo depois da passagem da Lua pelo meridiano do lugar. Se o período de rotação do planeta em torno do seu eixo é menor que o de translação do satélite (como no caso da Terra e da Lua), aquele atraso fará que as massas deslocadas na maré cheia sejam transportadas na direcção da rotação do planeta, como mostra a figura. Tais massas, que não estão alinhadas com a direcção centro de massa-satélite, provocam agora um efeito de torção sobre o satélite resultante da atracção que exercem sobre ele e que ocasiona uma certa transferência de momento angular da rotação do planeta para a translação do satélite. O resultado será um aumento da velocidade de translação. A cada acção contrapõe-se uma reacção e o satélite por sua vez exercerá a sua força de atracção sobre aquelas massas, tendendo a travar o movimento de rotação do planeta.

A energia necessária para dar à Lua um certo acréscimo de momento angular é menor que a necessária para conferir à Terra o mesmo acréscimo. Portanto, muito embora o momento angular total do sistema planeta-satélite permaneça constante, a sua energia mecânica total diminui por virtude das perdas por fricção no planeta. Esta perda de energia por atrito e a transferência de momento angular significam que ao fim e ao cabo a Lua ganha momento angular à custa da rotação da Terra. A Lua, ganhando velocidade, afastar-se-á da Terra alargando a órbita. Como esta é excêntrica, os impulsos são maiores no perigeu (menor distância Terra-Lua) do que no apogeu (maior distância).

Há mais transferência de momento angular naquele ponto do que neste, ocasionando um progressivo aumento da excentricidade. O planeta também provoca marés no satélite e no caso de este ter período de rotação menor do que o de translação o efeito de travamento da rotação é mais sensível, tendendo o satélite para a situação de movimento síncrono, apresentando sempre a mesma face voltada para o planeta e permanecendo a «bossa» da maré alinhada com os centros. É o caso presente da Lua que já atingiu essa situação estável. O efeito de torção varia segundo o inverso da sexta potência da distância e só tem significado para distâncias curtas. É essa a razão por que o Sol já retardou de modo significativo a rotação dos planetas interiores – Mercúrio e Vénus. Com os satélites interiores de Júpiter e Saturno aconteceu a mesma coisa; têm já movimentos síncronos. Mesmo que a Lua tivesse um movimento de rotação rápido não levaria mais de 10 milhões de anos a «parar».

Extrapolando, teremos necessariamente de concluir que a Lua já esteve muito perto da Terra e que esta rodava muito mais rapidamente (dias menores). Na realidade, os fósseis coralíferos permitiram demonstrar a veracidade desta última hipótese.

Cada banda anual de crescimento é perfeitamente individualizada e é formada por camadas de crescimento diário. Contando o número destas dentro de cada banda tem-se a ideia do número de dias do ano e portanto do número de horas de cada dia. Há 380 milhões de anos o dia tinha 22 horas e a distância da Terra à Lua era de 58 vezes o raio daquela em vez das actuais 60,25. As marés tinham amplitudes muito maiores. À distância de 10 raios da Terra, e tendo esta dias de 5 horas, as marés deveriam ser fenómenos catastróficos. Presentemente, a Lua afasta-se e calcula-se que quando




*A Lua atasta-se da Terra e a sua órbita tende a aumentar de excentricidade. Esta excentricidade está excessivamente exagerada na figura.*

estiver à distância de 75 raios da Terra o dia terrestre será equivalente ao mês lunar e a Terra e a Lua rodarão em torno do centro de massa do sistema com a mesma face permanentemente voltada uma para a outra. A Lua iluminará sempre a mesma face da Terra e permanecerá na mesma posição relativa para cada lugar desta. Um dos hemisférios deixará de ter luar. Já alguém tinha pensado nisto?

*O. Lemos*
*Cap.-frag.*

# Voz da Abita

*Continuamos a receber notícias do «Pezinhos», cabo M. Transcrevemos a sua última carta:*

«Bem diz a família que eu não posso estar muito tempo em terra porque fico rabujento...
Sempre estou guardado para cada uma! Imaginem que como sou dos poucos que ainda sei fazer aqueles complicadíssimos nós dos tempos da vela, agora que toda a malta resolve o assunto com um nó cego, pregaram comigo em auxiliar de instrução de marinharia de uma escola.
Está tudo certo e eu nada tenho a dizer, embora gostasse muito mais de continuar embarcado e no mar, mas isto de ser «mestre», também dá cá uma certa «ficha»...
Há um titular da «cadeira», que é o professor propriamente dito, e eu executo para os alunos verem como é.
Claro que é difícil convencê-los da utilidade da matéria. No que respeita a agulhas, nomenclatura do navio, aparelho, etc., ainda vai, mas quando se trata de nós... «Ó «Pézinhos», para que serve o nó de azelha? E o de fateixa?...» E eu cheio de paciência lá vou explicando: o primeiro é uma laçada dada pelo seio, ou seja, com o cabo dobrado; o segundo serve para talingar uma retenida a um ancorote, fateixa ou busca-vidas, tendo a vantagem de segurar bem e ser fácil de desfazer mesmo depois de molhado...
«Ora, ora», dizem eles, «isso já

não se usa...» Lá há um ou outro que engraça com aquilo, mas a maioria está-se nas tintas para os nós, e até para mim!

Já estou na escola há uns meses, e esta coisa de andar com um horário no bolso aborrece-me. Bem sei que a bordo também há horas para tudo, mas é diferente, porque há os apitos e o clarim que não deixam a gente esquecer-se. Bom, mas o que eu quero com esta conversa toda é abordar um assunto que me tem dado muito que pensar e para o qual não encontro justificação. O caso choca-me e, francamente, acho que devia ser revisto por quem de direito. Trata-se do seguinte: como sabem é uso na Armada os oficiais e sargentos tratarem as praças por tu. E eu pergunto, porquê?

Que é da tradição... que traduz uma certa familiaridade... que é assim que os pais tratam os filhos... Tenho muita pena mas nenhuma destas explicações me convence. Quanto a tradição, talvez esta forma de tratamento fosse normal no tempo das Descobertas em que os oficiais eram nobres e a tripulação era gente «da corda» (1).

Familiaridade? Bem, para quem se conhece só acidentalmente e convive tão pouco, não me parece bem...

(1) Para recrutar pessoal para as naus, formavam-se grupos de recrutamento forçado, que percorriam os bairros populares, prendendo homens, de preferência «com aparência de marítimos». Parece que o recrutamento e prisão se efectivava estendendo-se uma corda à volta deles. Todos que ficassem dentro «da corda» seguiam para bordo.

De pais para filhos? Com franqueza, um oficial de vinte e poucos anos tratar como filho um «Pezinhos» qualquer de cinquenta e tantos, é um bocado forte...

A verdade é que o mundo de hoje já é tão diferente do que era há uns trinta anos, que eu, «Pezinhos», que nessa altura nem reparava nisso, agora sinto-me diminuído na minha dignidade. Eu que já comandei uma lancha, eu que desempenhei a bordo cargos de grande responsabilidade, eu que tenho filhos que qualquer dia são doutores... Tu isto, tu aquilo, porquê?

Senhor Director, ninguém me encomendou o sermão mas, creio que o que eu digo é opinião generalizada de toda a maruja. O tu, que alguns pretendem ser prova de estima, não aproxima o pessoal da Armada, pelo contrário, afasta-o, porque cava um abismo social entre oficiais e sargentos e praças.»

N. R. – *Sobre este assunto recebemos outra carta de Luís Virgílio de Jesus Perolta, cabo E, que manifesta a mesma opinião.*

---

*Do nosso assinante Adelino Correia Gadanho, recebemos uma carta que transcrevemos:*

«Cacilhas, 10 de Maio de 1974.

É com grande satisfação que verifico uma continuação periódica na publicação da Revista de que V. Exa. é Director.

Todos aqueles que estão ligados ao mar, por profissão ou afinidade, têm nesta publicação algo diferente em relação a outras similares, pois todas as páginas que ela contém são de interesse geral e profissional nos seus variados artigos.

Actualmente assinante e seu leitor dedicado, fiquei imensamente satisfeito em saber que com a edição da capa poderei guardar entre os meus livros todos os exemplares da «Revista da Armada».

Como me faltavam vários números para completar a totalidade dos exemplares publicados, tomo a liberdade de enviar um cheque

para pagamento destes e da capa. Aproveito ainda para sugerir a manutenção do «Pezinhos» na «Abita», pois se ele embarca para longe ou se se «reforma» da Revista, lá se vão umas páginas de boa disposição geral.
Desculpe a minha sugestão, mas nos tempos presentes esse cabo M e outros como ele ajudam-nos a manter o optimismo e melhor disposição.
Agradecido pelos momentos que me concedeu, creia-me sinceramente reconhecido.»

*Do marinheiro fuzileiro n.º 116/69, José Rosa Pinolas, em serviço em Angola, recebemos uma carta que transcrevemos:*

«Santo António do Zaire, 22-4-74. Ao Exmo. Sr. Director e a todos os que fazem parte da equipa da «nossa» Revista muito agradeço tudo quanto nela fixam de interesse para todos. Estou radiante pela vossa iniciativa e aqui estou a enviar-lhes uma palavra amiga. Embora a minha intenção seja de agradecimento, aproveito também para responder a um dos passatempos publicados na esperança de fixar um nome mais na «nossa» tão grande família, que mais «filhos» parece ter, agora ligados num elo que se tornou a «nossa» Revista...
Quis ser breve. O meu obrigado e a continuação de boa recepção a todos aqueles que, como eu, aguardam o próximo número da «Revista da Armada» com entusiasmo.»

# "FAZER UMA REVISTA"

Quando o anterior ministro da Marinha pensou em dotar a Armada de uma Revista que fosse veículo de formação, agregação e entretenimento do pessoal, contactou alguns oficiais a quem expôs a ideia e a quem pediu a responsabilidade pela sua elaboração.
Pessoalmente, recordo-me bem das suas palavras quando me prontifiquei a dar colaboração: «Que da nossa colaboração estava certo; mas, mais do que isso, era necessário ter a garantia da saída da Revista com continuidade.»
Só então medi bem a responsabilidade que assumíamos.
Saí dessa reunião algo preocupado, tanto quanto os quatro outros oficiais indigitados. Fomos ver junto dos camaradas do Exército e da Força Aérea como é que se faziam «revistas»...
Recebidas as directivas, distribuíram-se tarefas e fez-se o arranque. A «Revista da Armada» «aproou ao rumo» e assim tem «governado» com segurança e firmeza desde então. Com um corpo redactorial restrito, tem sido mantida por ele nas suas secções básicas como se vê através dos «Sumários» dos diversos números. Cada redactor se encarrega, além de outra colaboração eventual, de conservar viva a sua secção. Por isso a Revista tem mantido uma estrutura sem alterações apreciáveis desde o primeiro número. No entanto, isso pode constituir um perigo – o perigo de cair na monotonia e na perda de interesse. Quantas vezes me interrogo sobre se a Revista terá de viver eternamente à custa dos redactores, com o risco de se banalizar. Não é que eles não sejam capazes de continuar a produzir

*Os trabalhos recebidos, dos redactores e de colaboradores, são dactilografados na Secretaria...*

*...surgem então os «originais» que, já com fotos e desenhos, são entregues ao orientador gráfico da Revista (único elemento estranho à Armada), que os avalia tecnicamente e os envia para as oficinas gráficas, depois de marcar os tipos de letra em que deverão ser compostos.*

*A maqueta depois de aprovada é enviada para as oficinas gráficas, onde sofre diversas operações, tais como: os textos são emendados, os originais fotográficos e desenhos são fotografados e montados juntamente com os textos, conforme a maqueta. Por fim, é tirada uma prova «ozalid», já com fotos e desenhos nos respectivos sítios onde são assinaladas as últimas emendas a fazer. Depois das correcções feitas, as montagens acima referidas são passadas a chapas, que por sua vez entram na máquina de impressão.*

*Recebidos os 10 000 exemplares de cada número mensal, são estes metidos nos sobrescritos, que previamente haviam sido endereçados, e seguidamente embalados em caixas os que seguem para o Ultramar...*

*...temos então a última operação: expedição para o Posto de Correio do Ministério, CTT, Aeroporto de Lisboa, Gare Marítima e Mala Diplomática. Entretanto já decorrem algumas destas operações para o número a seguir.*

trabalhos que preencham as secções por que são responsáveis; é antes a impossibilidade de diversificação dos assuntos que está em causa. Os redactores não são ecléticos nem podem «tocar todos os instrumentos».

Conscientes disso mesmo, têm feito apelos de colaboração que, em boa verdade, não têm dado grandes resultados. Afora algumas boas vontades, a maior parte da colaboração situa-se nos passatempos e, quem havia de dizer, na... poesia.

Todos temos, talvez por efeito do mar ou do meio, uma sensibilidade especial que encontra nos versos o meio ideal de exteriorização. Versos, de facto, não nos faltam. Porém a Revista não pode viver só de poesia. Muita coisa há de interesse no domínio da cultura e da informação que a «Revista da Armada», infelizmente, não cobre. É para esse campo aberto que a colaboração de todos se deveria encaminhar.

Certamente que nem tudo que chega poderá ser publicado, ou porque não tem oportunidade, ou não se enquadra na índole da nossa Revista, ou não tem a necessária qualidade literária para vir à luz do dia. Neste último caso, o perigo não é grande porque a Redacção tomará a seu cargo dar forma capaz a tudo o que, apesar das falhas literárias, tenha conteúdo de interesse. A não publicação de alguns trabalhos enviados, não deve melindrar nem abespinhar quem os manda, pois ao interesse que cada um possa ter em vê-los publicados tem de sobrepor-se o superior interesse da Revista.

Ela pretende ir ao encontro de todos os níveis hierárquicos desde o grumete ao almirante e, por isso mesmo, tem exigências específicas. Às vezes, trabalhamos um pouco às cegas. Mantemos secções que não sabemos se têm realmente interesse. Seria bom sabê-lo. E não haverá aí quem possa falar sobre teatro, cinema, discos e tanta outra coisa? E sobre experiências pessoais vividas no dia a dia da profissão, não há quem escreva? Será que de tanto esforço feito no campo da luta não haverá quem possa traduzir algum por palavras? A nossa Revista poderia ser um repositório de episódios e factos como aqueles que em época transacta preencheram livros como os «Quadros Navais» e as «Narrativas Navais». Os seus autores colheram muitos deles da boca de intervenientes que modestamente contavam aquilo a que tinham assistido.

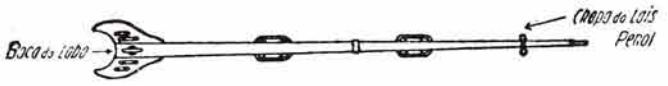
Há que vencer a inércia e o comodismo e colaborar... Poderemos aguentar a Revista, é certo, mas há que vivificá-la com estilos novos, maneiras novas de dizer e contar, assuntos diversificados e muita, muita gente diferente. Isto, sobretudo, tornará a Revista preciosa para a Corporação.

*O. Lemos*
*Cap.-frag.*

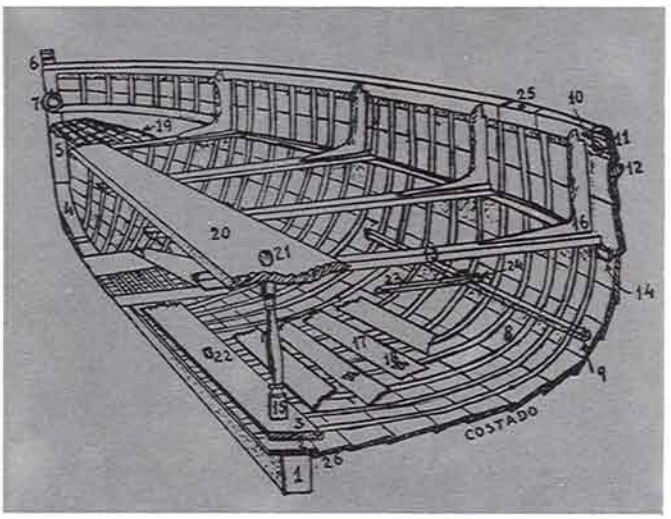
# Terminologia Naval

**CARA A TOPE** – termo de calão para exprimir cara de zangado ou semblante severo.

**CARANGUEJA** – verga montada obliquamente por ante a ré do mastro e no plano longitudinal do navio; é constituída por uma vara que adelgaça da parte que encosta ao mastro – «boca de lobo» – para o lais, denominado «penol»; neste está montado um cadernal de dois gornes para as adriças da bandeira e das luzes que a iluminam. A carangueja é aguentada lateralmente por dois cabos de aço – «guardins» – que se fixam no penol e vêm abaixo, um por cada bordo, manilhar em olhais da borda do navio.



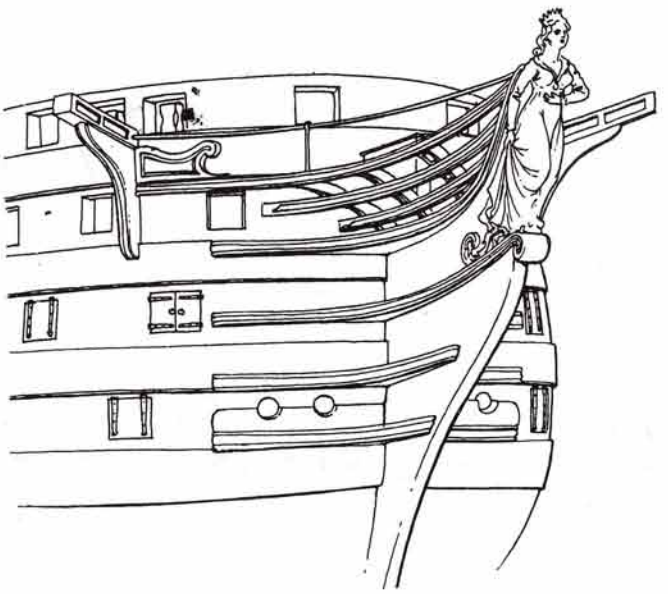

**CARLINGA** – abertura na sobrequilha destinada a receber a mecha do pé do mastro.




22 – Carlinga

**CARNEIRADA** – aspecto do mar quando, por acção de vento forte e súbito se forma pequena vaga de rebentação; este aspecto é frequente ver-se na vazante dos rios e nas paragens marítimas de corrente acentuada, quando o vento sopra contrário.

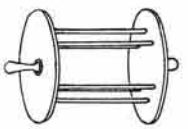
**CARRANCA DE PROA** – enfeite saliente que remata superiormente o beque, constituído por uma figura ou um simples ornato; quando é uma figura, simboliza normalmente o patrono do navio ou representa homenagem prestada a personalidade de relevo.



**CARREGAR ATÉ AOS GORNES** – meter carga exageradamente; diz-se também «carregar até às escotilhas» ou «carregar até aos topes».

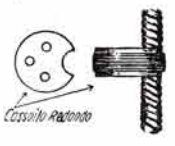
**CARREIRO** – passagem ou varadouro estreito, frequentado por embarcações de pesca.

**CARRETEL** – aparelho formado por dois círculos de madeira atravessados por um eixo e conservados paralelos entre si por meio de quatro travessas, servindo para nele se enrolar a linha de barca.



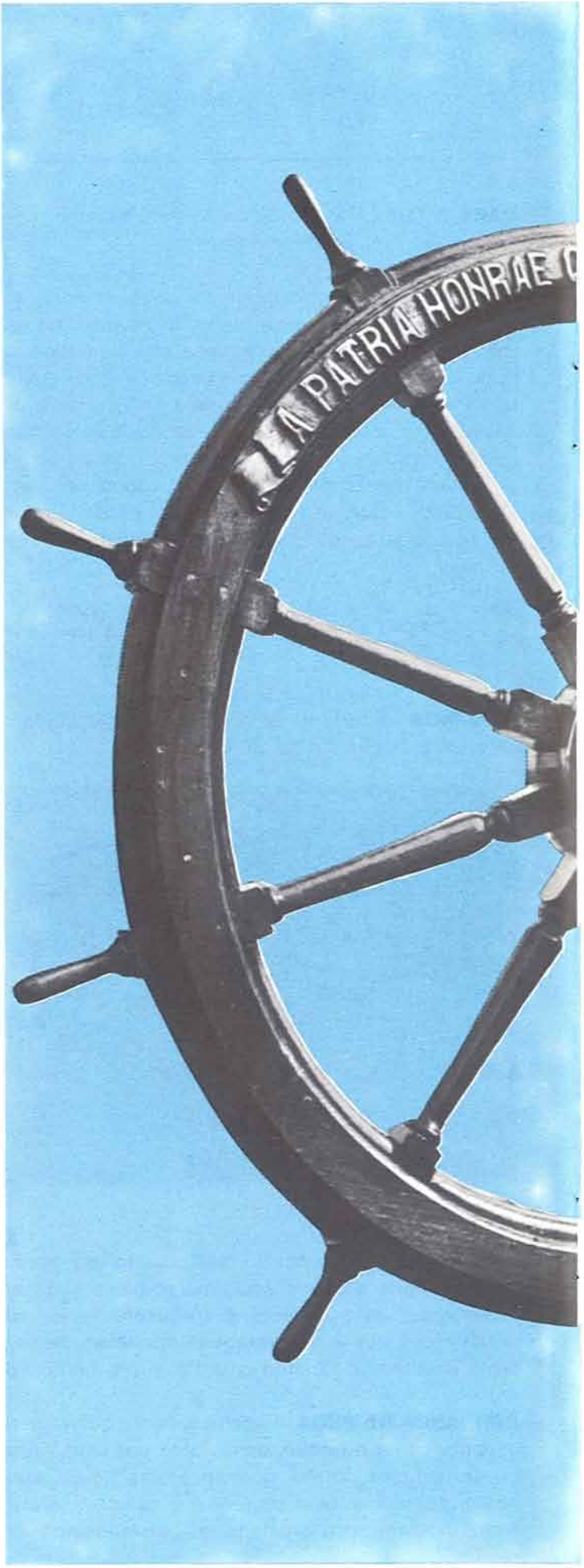
**CARRIÇADA** – fila de barris, preparados para fazer aguada, seguros ao longo dum cabo de reboque comprido; este cabo era rebocado pela embarcação do navio ao local da aguada, regressando todo o conjunto a bordo, finda a operação.

**CASSOILO** – peça de poleame surdo, de forma circular, com goivado em volta e dispondo de um ou mais furos para a passagem de cabos; é montada de encontro a um cabo fixo ou varão, onde se adapta por um recorte da periferia.




*S. Elpídio*
*Cap.-frag. AN*

# O DIA DA MARINHA



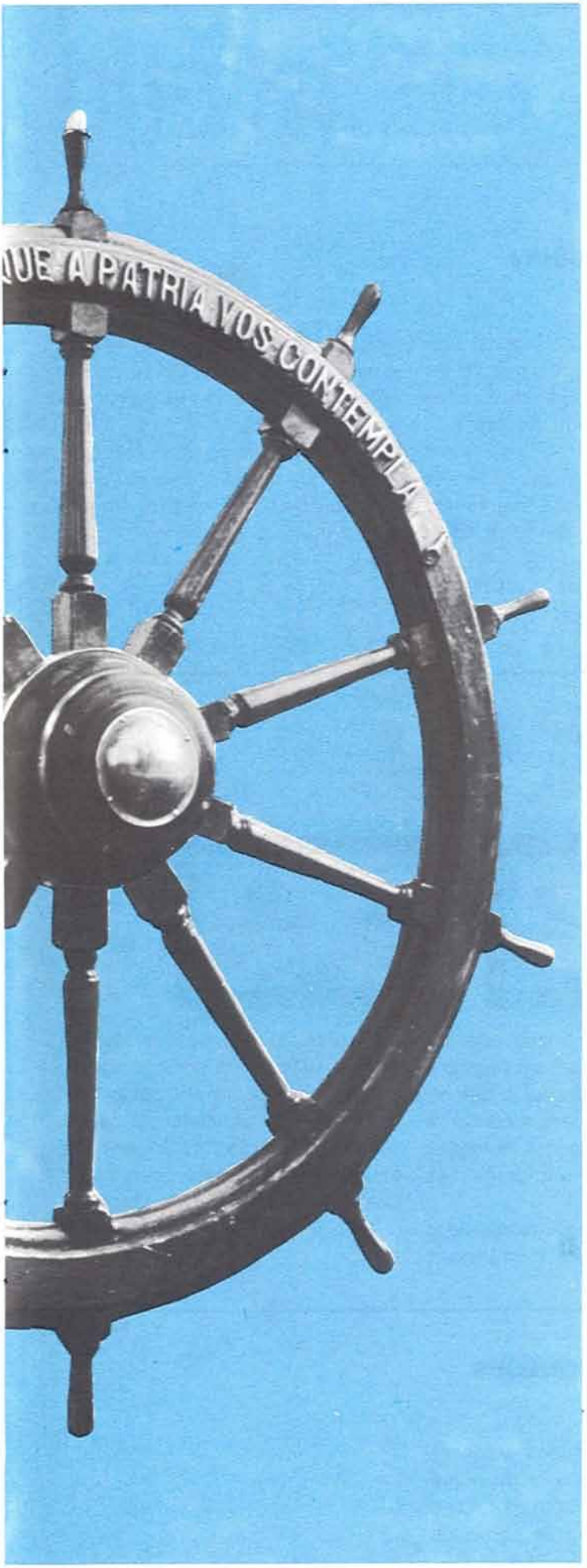

Todos sabem que o Dia da Marinha é comemorado em 8 de Julho. Foi o dia escolhido, de entre os muitos com relevância na nossa gloriosa história marítima. Consideramos a escolha feliz, pois foi no dia 8 de Julho de 1497 que largou do Tejo a armada de Vasco da Gama, para realizar a mais retumbante proeza dos marinheiros de Portugal.

Não é, porém, dessa epopeia, nem dos nossos feitos, que hoje me proponho falar. Prefiro fazer algumas considerações sobre o significado transcente do Dia da Marinha. Claro que o assunto pode ser encarado sob variadíssimos aspectos. De entre todos, escolho para tema da minha meditação o seu aspecto puramente humano.

A meu ver, o Dia da Marinha é um dia muito especial, em que todos devemos elevar o pensamento para quantos lhe deram o melhor do seu esforço, servindo-a com amor e devoção.

E o que é a Marinha para nós?

Uma mãe, como dizem alguns? Não, mãe há uma só, e a palavra não deve ter outro significado. Uma profissão, como dizem outros? Também não, porque ela é mais que isso, é qualquer coisa que faz parte de nós, desde o dia em que nos vestimos de azul ferrete. A profissão exerce-se, a Marinha vive-se. A profissão acaba com a aposentação, a Marinha continua até à hora da morte. Um modo de vida, como há também quem diga? Menos ainda, aqueles que fizeram dela um modo




de vida, nunca deveriam ter vindo. Há muitas maneiras, mais fáceis e mais proveitosas, de viver. Pode-se realmente vir com a ideia de fazer dela uma profissão ou modo de vida, mas cedo nos apercebemos que ela não é uma coisa nem outra. E então só há dois caminhos: abandoná-la, porque estávamos enganados, ou entregar-se a ela de alma e coração, aceitando-a tal como é, com suas virtudes e defeitos.

É a estes, aos que lhe dão tudo, que particularmente me dirijo, respondendo à pergunta que fiz e à qual ainda não respondi – o que é afinal a Marinha?

Para mim, e creio que para todos os verdadeiros marinheiros, é uma grande família, onde os laços de sangue são substituídos pelos do coração, alicerçados na dura vida de bordo.

É o mar que nos une, o mar azul, profundo e sem fim, símbolo da grandeza da Terra e elo de ligação de todos os povos. É ele que nos faz diferentes dos outros homens: fortes, pacientes, sofredores, compreensivos, reservados, sentimentais, amantes da Pátria e da família, modestos... sim, perante ele nada valemos, somos como a espuma das suas ondas bravias que se desfaz com o vento...

*M. do Vale*
*Com.*

## O DIA DA MARINHA E A FILATELIA

Com este título, escrevemos, precisamente há um ano, quando da realização da 1.ª Exposição Filatélica da Armada, um apontamento em que se sugeria, tal como se faz em alguns países, que o nosso Dia da Marinha fosse assinalado com uma emissão de selos dedicados à efeméride.

Infelizmente, não fomos escutados e, não temos hoje, o prazer que ambicionámos e que naturalmente ia ao encontro do desejo de muitos coleccionadores, de escrever sobre esses selos.

Não esmorecemos por isso e confiamos que um dia eles surgirão, desejando apenas que tal dia não esteja muito distante.

## NOVOS SELOS PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE

No dia 25 de Junho passado, foram postos a circular em Angola e Moçambique os dois selos que reproduzimos para assinalarem a entrada em serviço das estações terrenas para as comunicações por via satélite.

Os referidos selos, desenhados por Alberto Cutileiro e impressos a 8 cores, focam motivos ligados àquele sistema de comunicações.

No dia em que foram postos em circulação foi utilizado um carimbo de «1.º Dia de Circulação» nas estações centrais dos correios de Luanda e de Lourenço Marques.

## SELOS PORTUGUESES EM 1973

O «Notícias Filatélico» transcreveu num dos seus últimos números o apontamento com o título em epígrafe, gentileza que agradecemos.

# O DIA DA MARINHA E OS FILATELISTAS

Há precisamente um ano que, integrada nas comemorações que assinalaram o Dia da Marinha se realizou a 1.ª Exposição Filatélica da Armada que, como então a crítica e os entendidos afirmaram, surpreendeu pelo nível que atingiu e pela maturidade filatélica demonstrada por muitos dos nossos coleccionadores. Foi, na verdade, uma manifestação a todos os títulos notável onde o entusiasmo dos expositores causou a admiração dos muitos visitantes e o interesse de muitos filatelistas de todos os pontos do País que se nos dirigiram a solicitar o sobrescrito e o carimbo comemorativo, considerados significativos e de muita beleza e interesse. Muitos coleccionadores arranjaram esses sobrescritos na forma do que reproduzimos, e que já hoje são autênticas raridades.

Guardámos para os que se descuidaram alguns sobrescritos com selos de um escudo de séries de temas de qualquer forma ligados à Armada e ao seu Dia, que a Revista enviará a quem os solicitar contra o envio de 7$50 por cada sobrescrito.

São muito poucos os que restam ao dispor dos que pretenderem ficar com uma peça filatélica que recorda aquela nossa Exposição.

*G. Brandão*
*2.º-ten. SG*

# POSSE DO 11.º CHEFE DE ESTADO DA REPÚBLICA PORTUGUESA

**No dia 15 de Maio passado, decorreu no Palácio de Queluz a investidura do general António de Spínola no cargo de Presidente da República, por escolha da Junta de Salvação Nacional, como mandatária do Movimento das Forças Armadas. Ao general António de Spínola, como primeiro magistrado da Nação, competem-lhe também, por inerência, as altas funções da presidência do Conselho de Estado e o comando supremo das Forças Armadas.**

**A posse, feita perante os membros da Junta de Salvação Nacional, teve a presença do Corpo Diplomático, do Cardeal-Patriarca de Lisboa, do novo Primeiro-Ministro, prof. Adelino da Palma Carlos, dos representantes do Movimento das Forças Armadas e de outras altas personalidades. Foi o general Costa Gomes, chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas, como membro da referida Junta, que fez a proclamação do novo Presidente da República.**

**Este oficial general a propósito, entre outras afirmações, disse:**

**«Os jovens do Movimento das Forças Armadas realizaram em 25 de Abril a mais digna Revolução da**

*(Foto amavalmente cedida por Eduardo Gageiro)*

**História Contemporânea. A Junta de Salvação Nacional, que escolheram em acto de inspiração e justiça, elegeu V. Ex.ª para representante maior do Povo de Portugal.**

**As minhas palavras não adicionarão um átomo à sua estatura profissional de soldado ou ao seu perfil de político e homem de letras.**

**(...) Que Deus o proteja para bem do Povo e glória de Portugal.»**

**O novo Chefe de Estado, no seu discurso afirmou:**

**«Os caminhos que o País haverá de trilhar terão de ser definidos por instituições democráticas verdadeiramente representativas e solidamente implantadas, através das quais todos os cidadãos possam exprimir-se, onde todas as correntes de opinião se façam ouvir e em cujo topo se encontre, em lídima expressão final da soberania, uma Câmara Legislativa constituída por mandatários incontestáveis do povo português.»**

# Conversa entre Marinheiros

## *Histórias que não se podiam contar... A revolta dos navios de 1936 vista e vivida por alguns oficiais e marinheiros que nela tomaram parte*

*A nossa Revista tem tido a preocupação de não se imiscuir em determinados assuntos. Os seus objectivos estão definidos, são claros e todos os conhecem. Parece-nos, porém, que dentro deles cabe perfeitamente o que vamos tratar. É que a revolta dos navios nunca ficou bem esclarecida...*

### UMA CARTA DUM EX-MARINHEIRO

Do ex-2.º marinheiro artilheiro n.º 5436, João Faria Borda, recebemos a carta que transcrevemos:

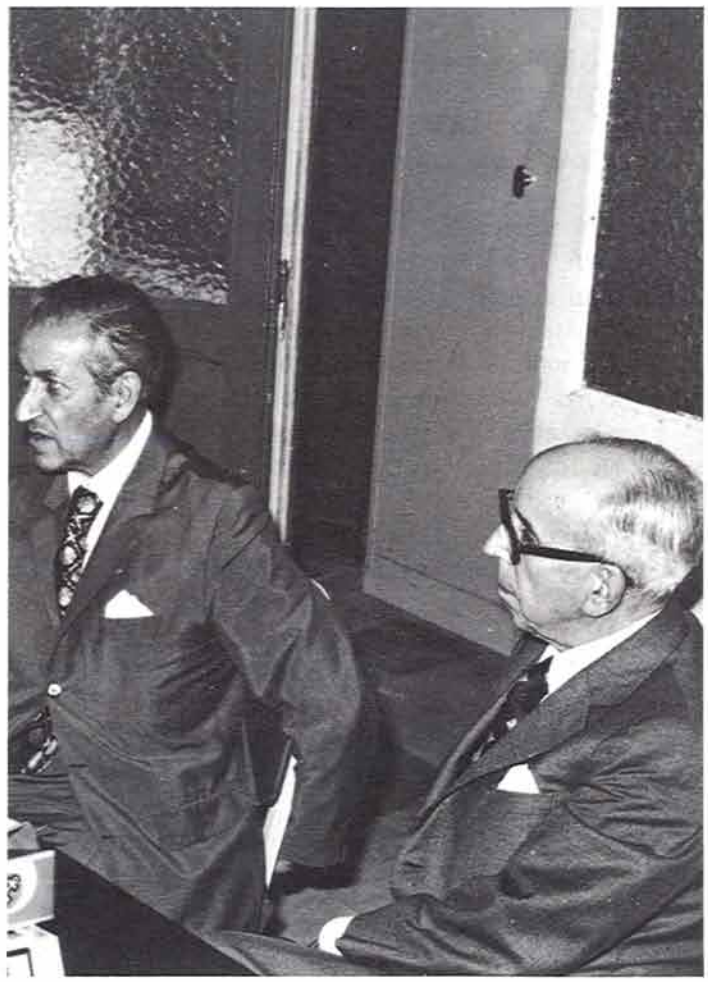
«Em fins de 1935 e na continuação duma acção anterior, existia na Armada uma organização revolucionária cuja sigla era O.R.A. – Organização Revolucionária da Armada.

Os elementos mais responsáveis desta organização, e que constituiam a sua direcção, perfilhavam ideias de extrema esquerda e procuravam imprimir à organização uma linha política antifascista.

Tinham o seu órgão de imprensa, «O Marinheiro Vermelho», através do qual procuravam difundir as suas ideias e levantar problemas de carácter reivindicativo ou simplesmente contestatário.

Toda esta acção se situava num período em que o fascismo estava numa fase ascendente, em que, sobretudo, Hitler iniciava o seu feroz ataque às democracias e se preparava para lançar a sua política expansionista que conduziria à II Guerra Mundial.

Mas a par deste avanço do fascismo tinham também as forças democráticas alcançado a vitória da Frente Popular em França e em Espanha.
O espírito dos marinheiros portugueses, no caminho duma tradição republicana e popular, não aceitava a doutrinação nem os métodos fascistas que Salazar impunha ao povo português.
O descontentamento manifestava-se por diversas formas e os protestos sucediam-se a vários níveis contra problemas que diziam respeito à sua vida de bordo.
Reclamações contra o rancho, contra certos tipos de imposições de uniformes e licenças, etc., traduziam o descontentamento que lavrava nas fileiras da Armada.
Não tendo, em princípio, carácter político mas sim meramente reivindicativo não deixavam no entanto de se ligar ao descontentamento latente contra o fascismo de Salazar.
Em fins de 1935 e até meados de 1936, a O.R.A., reconstituída após a prisão dos seus primeiros dirigentes, tinha organização em vários navios e ligações para distribuição de imprensa e recolha de fundos em quase todos. Era particularmente forte no aviso «Bartolomeu Dias» e no contratorpedeiro «Dão», nos quais a existência de elementos mais conscientes imprimia à organização uma actividade mais regular e um cunho mais acentuadamente político.
Em Julho de 1936 principia a revolta franquista contra o Governo Republicano Espanhol, Governo da Frente Popular.
Salazar concedeu aos conspiradores fascistas espanhóis todas as facilidades, desde o consentir na organização da revolta até ao fornecimento de armas, géneros, transportes, etc. E m resumo: Salazar pressentiu que tinha chegado o momento de construir uma Península Ibérica totalmente fascista e jogou tudo por tudo.
A este jogo, que poderia ter perdido, não souberam as democracias ocidentais dar resposta conveniente, embarcadas como estavam num anti-sovietismo militante.
A revolta em Espanha principiou a 18 de Julho e dentro em pouco seguiu para ali o aviso «Afonso de Albuquerque», que iria, pelo menos aparentemente, recolher os portugueses em perigo, mas cuja finalidade deveria ser outra.
Ao contacto com os acontecimentos os marinheiros portugueses desse navio, antifascistas por consciência ou sentimento, manifestaram logo ali as suas simpatias pelo povo espanhol.
Chegados a Lisboa foram denunciados vários deles, depois presos e por último expulsos da Armada, contando-se nesse número elementos activos da O.R.A.
Em Lisboa, onde também se vibrava intensamente



com a situação em Espanha, os marinheiros manifestavam abertamente as suas simpatias pelo povo espanhol e ao terem conhecimento de que os seus camaradas tinham sido presos e expulsos resolveram começar a preparar a sua reacção.

Logo surgiram os alvitres mais variados mas, por fim, o que veio a triunfar foi a ideia da sublevação.

Claro que hoje, amadurecidas as reflexões sobre a nossa atitude, teremos de concluir pela impreparação política que está na base do caminho escolhido na altura. Mas o que temos de salientar é que agimos como antifascistas, como camaradas, e tivemos a noção de que o nosso Governo, como fascista que era e como inimigo do povo espanhol, tinha de ser combatido.

Portanto, a par de uma solidariedade para com os nossos camaradas, a par de combater o fascismo português, não há dúvida que o detonador que fez saltar o «barril de pólvora» foi a Guerra Civil Espanhola.

Não me interessa aqui relatar pormenores do movimento, pois pretendo apenas situá-lo no contexto político da época.

Para o seu fracasso contribuiram factores vários, alguns dos quais imprevisíveis, mas isso é o que menos importa para o objectivo que me propus.

Dos navios participantes, «Bartolomeu Dias», «Afonso de Albuquerque» e «Dão», foi o primeiro que deu maior número de activistas embora, por avaria das máquinas não chegasse a largar da bóia.

Sabe-se hoje como decorreu a repressão e como Salazar nos ficou a odiar para sempre.

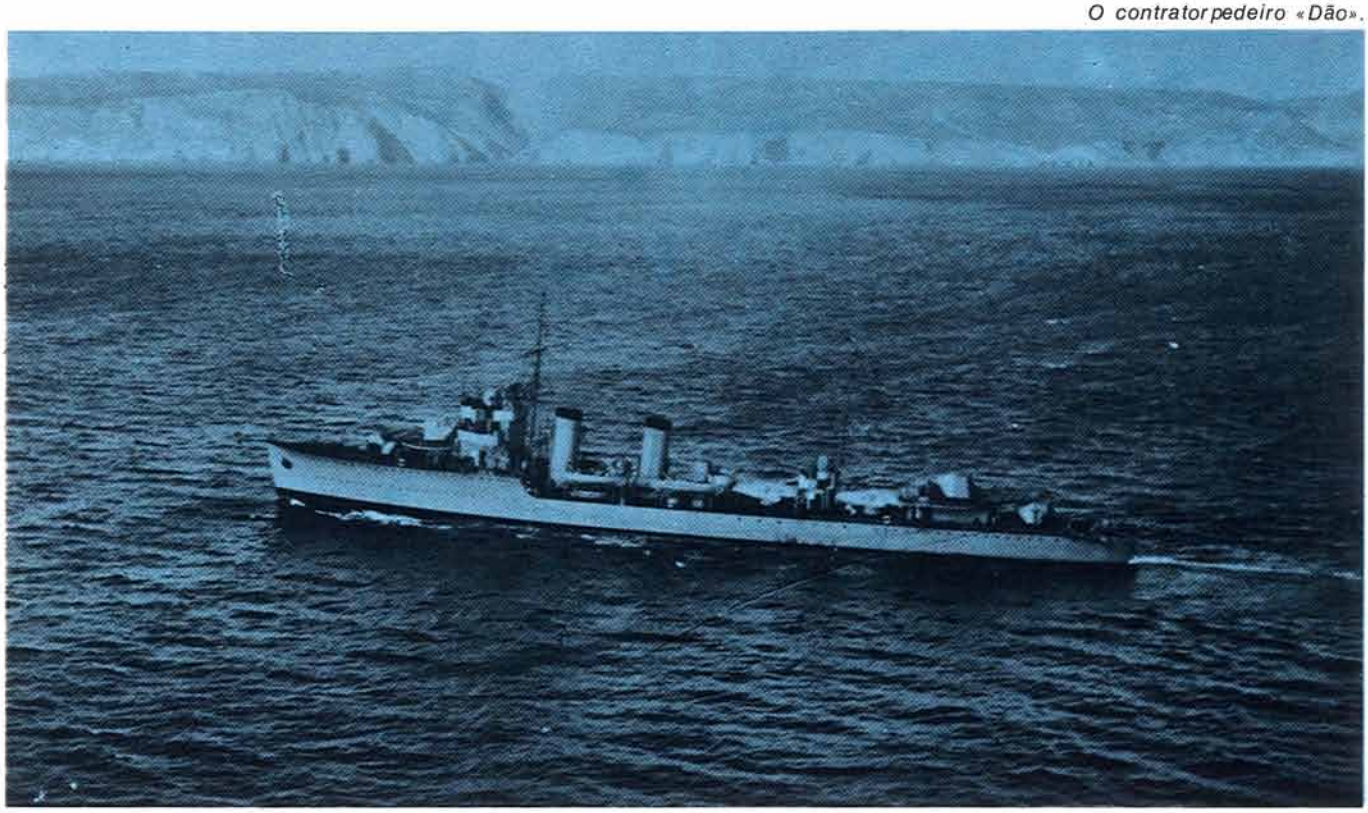
Mesmo depois de içada a bandeira branca continuámos a ser impiedosamente bombardeados pelos fortes de Almada e do Alto do Duque. Logo pagaram com a vida vários marinheiros, cujo número certo ainda hoje ignoro.

Depois seguiu-se a passagem pela Pide do tempo, Governo Civil, onde fomos metidos alguns de nós num calabouço normalmente habitado por mendigos, deitados em esteiras minadas de percevejos; incomunicabilidade em esquadras, Penitenciária de Lisboa e, após julgamento pelo Tribunal Militar Especial, envio para o Tarrafal, onde, durante dezasseis, dezassete e mais anos, passámos pelos maiores vexames e tormentos. Outros, os de menor condenação, suportaram na Fortaleza de Angra do Heroísmo a brutalidade dos carcereiros fascistas. No Tarrafal ficaram para sempre cinco marinheiros a pagar o seu tributo ao lado de mais umas dezenas de portugueses honrados que sofreram e morreram para que fosse possível haver em Portugal um 25 de Abril.

Como dissemos logo no início destas linhas, este trabalho é apenas um subsídio para a história do 8 de Setembro. Um dia se fará trabalho completo com a contribuição de todos e, isso sim, será História.

Dentro deste critério omiti nomes, factos e pormenores extensivos a todos os que, dum modo ou doutro, participaram no movimento. O que não nos abstemos de frisar é que o 8 de Setembro se insere numa tradição da Marinha que sempre lutou ao lado do Povo, no 5 de Outubro, no 14 de Maio, na escalada de Monsanto, no 7 de Fevereiro, etc., procurando sempre bater-se contra as forças da reação.

*O contratorpedeiro «Dão».*



O fascismo, com todo o seu aparelho de silêncio e de terror, conseguiu também adormecer momentaneamente esse espírito de luta tradicional. Mas, mesmo durante esse período, a Marinha foi pagando o seu tributo e, de vez em quando, lá iam parar às cadeias fascistas os que ousavam protestar.
O que importa acima de tudo neste momento é que a aliança das Forças Armadas e do Povo, que nos libertou do fascismo, se consolide e que nesta consolidação a Marinha marque honrosamente a sua presença

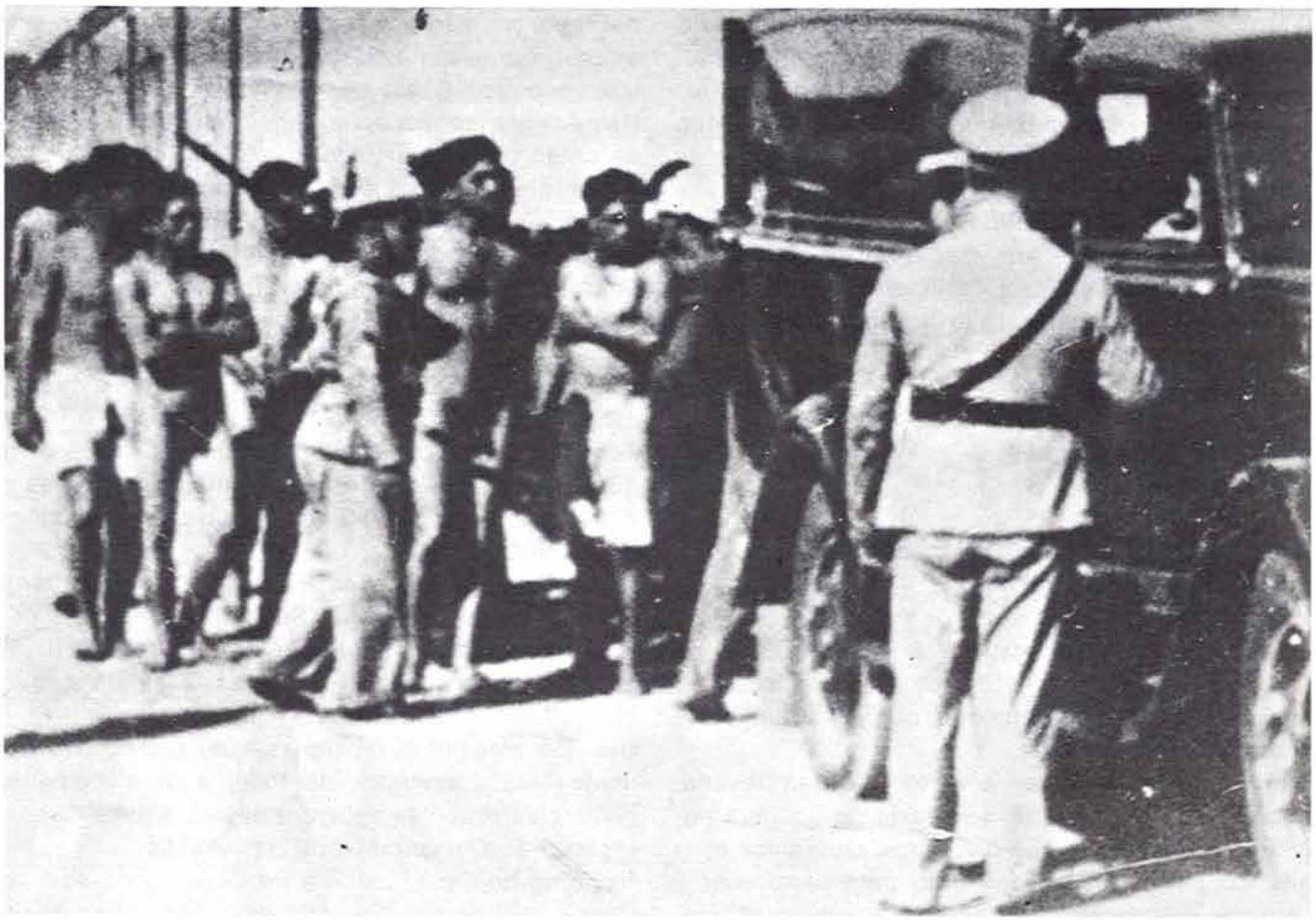
Eis o que desejam, estou certo disso, os sobreviventes do 8 de Setembro.»

## O POVO TEVE SEMPRE ESTIMA PELA SUA MARINHA

Os respeitáveis senhores, que se vêem na fotografia, conversando com o director da Revista, são oficiais e antigos marinheiros que tomaram parte activa na citada revolta.
Não pretendemos fazer a história dessa revolta. Não seria tarefa fácil, nem caberia no limitado número de páginas de que dispomos. Queremos apenas dar um pequeno contributo para esclarecer a verdade dos factos, o que, por motivos óbvios, nunca foi feito.
O povo português sempre teve em grande estima a sua Marinha de Guerra. A propaganda negativa que então se fez acerca dela, pode ter levado muitas pessoas a esfriar essa estima... É sobretudo para essas pessoas, para que não percam a confiança e consideração pela sua Armada, que ficam aqui estes depoimentos.
E como a ordem dos factores é arbitrária, vejamos, por exemplo o que se passou no contratorpedeiro «Dão». Em números seguintes da Revista relataremos o que aconteceu nos outros navios e, finalmente, a sorte que tiveram todos os que tomaram parte nesta conversa.

## UM EX-MARINHEIRO CONTA O QUE PASSOU NO «DÃO»

Fala em primeiro lugar o ex-marinheiro-fogueiro Joaquim dos Santos, de 68 anos de idade, actualmente sem trabalho, com baixa da Caixa (o primeiro da esquerda, na foto). Disse-nos ele:
«Assentei praça em 1927 e, depois de fazer a instrução, fui seleccionado para o «fogo». Nesse tempo, a selecção para as várias especialidades baseava-se principalmente no físico...
Claro que para o «fogo» era preciso arcaboiço, e eu tinha-o, como provei depois no Tarrafal...
Como qualquer marinheiro que se preza, andei embarcado em vários navios, visitei o Ultramar e o estrangeiro e, em 1936, estava embarcado no contratorpedeiro «Dão».
Reinava grande mal estar na Marinha porque a Pide de então tinha começado a estender os tentáculos e era vulgar os seus agentes irem a bordo prender elementos das guarnições. Durante a Guerra de Espanha, o nosso Governo, que estava de alma e coração com os nacionalistas, facilitava a passagem através do País a pessoal e material de guerra, que vinha da Alemanha e da Itália com destino aos exércitos de Franco. Isso agravava o mal estar, não só na Armada mas em todo o País.
Formou-se então a Frente Popular Portuguesa, a qual, em ligação com as suas similares francesa e espanhola, tinha por objectivo derrubar a ditadura salazarista.
Muito em segredo, e pela calada da noite, reunimo-nos, em princípios de Setembro, cinquenta delegados dessa Frente no Parque Eduardo VII, ficando assente que a revolução seria levada a cabo na noite de 7 para 8 desse mês.
Um dos elementos presentes – um padeiro da Armada – era informador da Pide, e imediatamente denunciou o que se estava a passar àquela Corporação e ao Comando-Geral da Armada.
Na tarde do dia 7, véspera do Dia D, o pessoal do «Dão» implicado na revolta veio para terra de licença, como se nada estivesse para acontecer, mas combinou regressar na embarcação da meia-noite. A bordo tinha ficado só o pessoal de serviço de escala, no qual havia comprometidos no caso, como eu.
Claro que, quando o pessoal de licença chegou ao Cais do Sodré para embarcar, encontrou um cordão de Pides, armados até aos dentes, que impediu o embarque e prendeu alguns. Uma embarcação civil passou junto do navio e comunicou-nos o sucedido. Mesmo assim, resolvemos sair a barra, com o pouco pessoal que havia a bordo. Divulgou-se o plano da revolta e prendeu-se o oficial de serviço. As caldeiras que já estavam acesas, em segredo, foram postas sob pressão. Abriram-se os paióis e aprontou-se a artilharia.
Quando estávamos para largar da bóia começou a cair sobre nós o fogo dos fortes do Alto Duque e de Almada, atingindo seriamente o navio. Foi pois debaixo de fogo que começámos a navegar para a barra. Do Terreiro do Paço, das margens do rio, e do terraço do Governo Civil, flagelavam também o navio com metralhadoras pesadas. Uma rajada matou o marinheiro que ia ao leme, ficando o navio sem governo e à mercê da artilharia dos fortes. Em frente do Porto Brandão, outra granada atingiu o paiol de pólvora de ré, que se incendiou. Alagaram-se os paióis e fundeou-se o navio que ficou de popa para a barra. Içaram-se lençóis brancos, mas o navio continuou a ser bombardeado. Então



*Doca do Bom Sucesso. Entrada dos marinheiros nas camionetas da Pide de então.*
*(Foto que correu mundo, mas inédita em qualquer dos nossos órgãos da informação escrita.)*

o oficial de serviço deu a ordem de abandono. Uns atiraram-se à água, nadando para terra, e outros arriaram as embarcações seguindo nelas. Eu, e mais sete camaradas, metemo-nos numa baleeira e remámos para a margem sul. Ali chegados, fugimos para o interior, galgando aqueles outeiros muito mais depressa do que o Veloso amigo de «Os Lusíadas» desceu os dele...

Primeiro, tentámos convencer a dona de uma vivenda que lá havia a deixar-nos esconder lá dentro, mas ela, assustadíssima, negou-se terminantemente, e como víamos que já andava por ali tropa à nossa procura... metemo-nos debaixo de uns montes de palha que estavam sob a copa de uma grande figueira.

Pouco tempo lá estivemos. Naturalmente a própria mulher nos denunciou e uma escolta do Exército foi-nos buscar, levando-nos para o forte de Almada. Quando ali chegámos, um sargento virou-se para nós e declarou que íamos ser imediatamente fuzilados! Apontou para uma peça que ainda estava a fumegar e disse que ele, sozinho, tinha feito 41 tiros para o navio. O que nos valeu foi aparecer um tenente que disse que ninguém nos faria mal, porque éramos marinheiros e tínhamos certamente cumprido ordens.

Depois, levaram-nos para o forte da Trafaria, para sermos entregues à Pide no dia seguinte. Parece que havia ali ordem de nos porem incomunicáveis mas, os camaradas da tropa, muito simpáticos, não cumpriram, inventando várias justificações, tais como: necessidade de sermos examinados pelo médico, de irmos ao barbeiro, etc. Tive a impressão que eles olhavam para nós com simpatia e até com pena de termos falhado...»

*

– De acordo com o que os jornais disseram na altura, todos ficámos convencidos que vocês pretendiam levar os navios para Espanha e pô-los ao serviço dos comunistas. Por isso faço a pergunta: «É verdade?

– Não, senhor, o que nós queríamos era sair a barra, bloquear o porto de Lisboa e intimar o Governo a demitir-se. Quando se faz uma revolução é para ganhar, e por isso pensávamos regressar ao Tejo em triunfo! Só iríamos para Espanha se perdêssemos...

## O OFICIAL DE SERVIÇO DO «DÃO» E A SUA ACÇÃO NA REVOLTA

Que sucedeu ao navio e ao resto da guarnição?
É o que nos vai dizer o capitão-de-mar-e-guerra RAa A. Cortes Carrasco (o segundo da direita para a esquerda, na foto; o último à direita é o capitão-de-mar-e-guerra RAa J. Fernandes Ferreira, na altura 2.º-tenente, e oficial de serviço no «Bartolomeu Dias»):

«Era eu 2.º-tenente e estava embarcado no «Dão» há quatro dias. Fazia o meu segundo dia de serviço a bordo. Mal conhecia o navio e a guarnição... Cerca das 0430 do dia 8 de Setembro de 1936, estava a dormir no meu camarote quando fui acordado por fortes pancadas à porta, tendo alguém gritado de fora que me considerasse preso e não tentasse sair.

Tentei vir ao exterior, mas fui impedido por uma praça armada, de sentinela à minha porta. Pedi-lhe para falar com os responsáveis mas não fui atendido. Não fazia ideia da extensão do movimento, nem se havia oficiais revoltosos a bordo.

Pela vigia do camarote vi o «Afonso de Albuquerque» largar da bóia, pelas 0730, começando imediatamente a ser bombardeado.

Às 0815, senti que o «Dão» largava também da bóia e começava a navegar rio abaixo. Na altura da Banática o navio foi atingido no paiol de munições de ré, junto do meu camarote, provocando incêndio com chamas e muito fumo. A sentinela fugiu.

Aproveitei a «sota» para sair do camarote e subir ao convés, dirigindo-me à ponte, a fim de tomar conta do navio. Fui perseguido por uma praça armada de pistola que, no entanto, me não molestou. Ao chegar à escada que levava ao castelo, outra praça encostou-me uma pistola ao peito, ordenando-me que recolhesse ao camarote. Também não me molestou, apesar de eu nem sequer lhe ter respondido.

Quando cheguei à ponte, o marinheiro que ia ao leme, ao avistar-me, correu para a mesa das cartas, onde tinha uma pistola. Precisamente nessa altura, senti uma rajáda de metralhadora, disparada de terra, passar-me sobre a cabeça, ao mesmo tempo que aquele marinheiro caía ferido de morte. Entretanto as máquinas haviam parado, o mestre mandou largar ferro, e no mastro foram içados lençóis brancos, em sinal de rendição. Apesar disso, e do navio ter ficado aproado a montante, continuámos a ser bombardeados pelos fortes de Almada e do Alto do Duque.

Tentávamos controlar os incêndios com extintores e baldes de água, sem o conseguir. Havia possibilidades de explosão, não só nos paióis como das ogivas de três torpedos que estavam a bordo. Muitas praças atiraram-se à água, nadando para terra, enquanto outras arriavam embarcações. Eu, com alguns sargentos e praças, embarquei numa baleeira, afastando-nos do navio.

Logo que cessou o fogo dos fortes – cerca de vinte minutos depois de içados os lençóis brancos –, regressámos a bordo, resolvidos a salvar o navio. Conseguimos extinguir os incêndios e estabelecer comunicações radiotelegráficas, comunicando então às autoridades superiores a situação.

O navio fora atingido na amurada do lado de EB, abaixo da linha de água, inclinando-se para esse bordo e afocinhando de proa. Considerou-se no entanto não haver perigo de ir a pique.

Uma vedeta da Aviação Naval recolheu algumas praças que nadavam para terra, e veio a bordo buscar o marinheiro morto e outro ferido.

Dois rebocadores do Porto de Lisboa vieram em socorro do navio rebocando-o para a Cova da Piedade. No trajecto embarcou o comandante, o imediato e outros oficiais.

*M. do Vale*
*Com.*

*(Continua no próximo número)*

# conversa entre marinheiros

# Desportos

## CAMPEONATO DA ARMADA DE VOLEIBOL

Terminou o Campeonato da Armada de Voleibol com a vitória justa da equipa da Escola Naval, que somou por vitórias os jogos disputados.
A classificação final foi a seguinte:

| | J | V | D | P |
|---|---|---|---|---|
| 1.º – Escola Naval ..... | 7 | 7 | – | 14 |
| 2.º – G.2 E.A. ..... | 7 | 5 | 2 | 10 |
| 3.º – Esq. de Submarinos .... | 7 | 5 | 2 | 10 |
| 4.º – D. S. Abastecimento .... | 7 | 3 | 4 | 6 |
| 5.º – G.1 E.A. ..... | 7 | 3 | 4 | 6 |
| 6.º – Esc. de Fuzileiros ..... | 7 | 2 | 5 | 4 |
| 7.º – N.R.P. «Alm. M. Corrêa» | 7 | 2 | 5 | 4 |
| 8.º – N.R.P. «Lajes» ..... | 7 | – | 7 | 0 |

Parabéns à equipa vencedora!

## CAMPEONATO DA ARMADA DE ANDEBOL

Depois de numerosas interrupções prosseguiu o Campeonato da Armada de Andebol, sem que até ao momento qualquer equipa se tenha sobressaído.

## CAMPEONATO DA ARMADA DE FUTEBOL

À data da entrada deste número da Revista no prelo, já se iniciou o Campeonato da Armada de Futebol, o qual está a despertar enorme interesse. As equipas, em número de vinte, estão distribuídas por quatro séries, sendo apuradas em cada uma delas os 1.º e 2.º classificados, que disputarão uma fase final, tipo Taça dos Campeões Europeus.

## ACTIVIDADES DO C.N.O.C.A.

*VOLEIBOL*

A equipa do C.N.O.C.A. ao sagrar-se campeã do Campeonato Nacional da II Divisão (Zona Sul) assegurou a sua subida à I Divisão, prémio merecido para quem demonstrou ao longo da prova uma crescente melhoria no nível de actuações e um amadurecimento de quem sabe o que quer e como o conseguir. Parabéns, pois, a toda a equipa e ao seu treinador!

*ANDEBOL*

A equipa que a partir de certa altura pareceu ir fazer um «arranque final» quedou-se só pelo «arranque», pois, apesar de ter vencido equipas que iam à sua frente no Campeonato da II Divisão (caso do Império do Cruzeiro e do Madre de Deus), acabou por perder jogos com equipas que lhe são nitidamente inferiores, chegando ao cúmulo de se deixar vencer pelo último classificado (Cabanas de Viriato).
Do 2.º ou 3.º lugar que estava ao seu alcance, acabou num modesto 5.º lugar.
Esperemos pela próxima época...

*Sanches Oliveira*
*1.º-tenente*

# Curiosidades

## CURIOSIDADES MATEMÁTICAS

*Na continuação das curiosidades matemáticas apresentadas nos dois anteriores números, hoje apresentamos este último exemplo:*

5.º – A soma dos cubos dos primeiros *n* números inteiros é igual ao quadrado da soma desses primeiros *n* números inteiros, ou seja: $1^3 + 2^3 + 3^3 .... + n^3 = (1 + 2 + 3 .... + n^2)$.
A prova pode ser dada pelo diagrama da figura 5a que não é mais do que a tábua de multiplicação. Cada número é o produto do que se encontra ao cimo da coluna pelo que está à esquerda da linha a que pertence. Ora os cubos dos números inteiros sucessivos, que se indicam na parte superior do

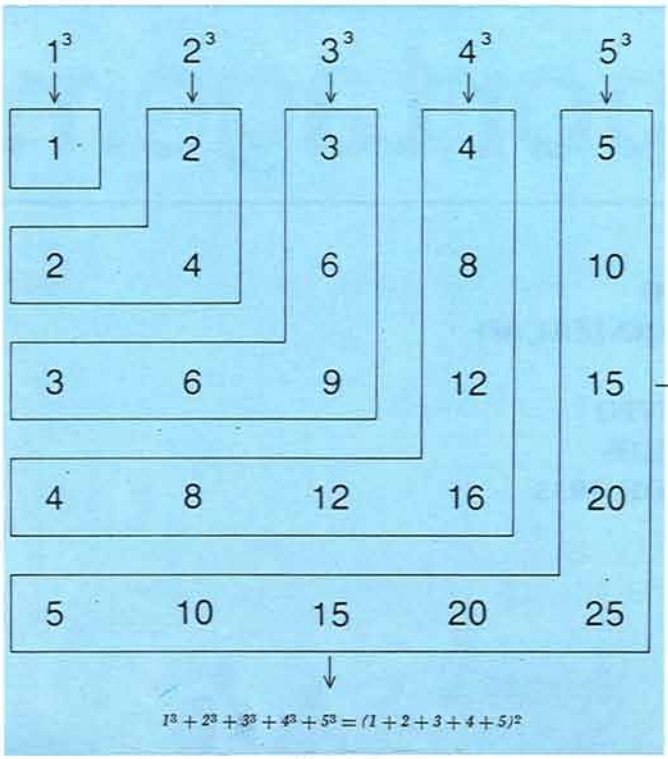



*Figura 5a*

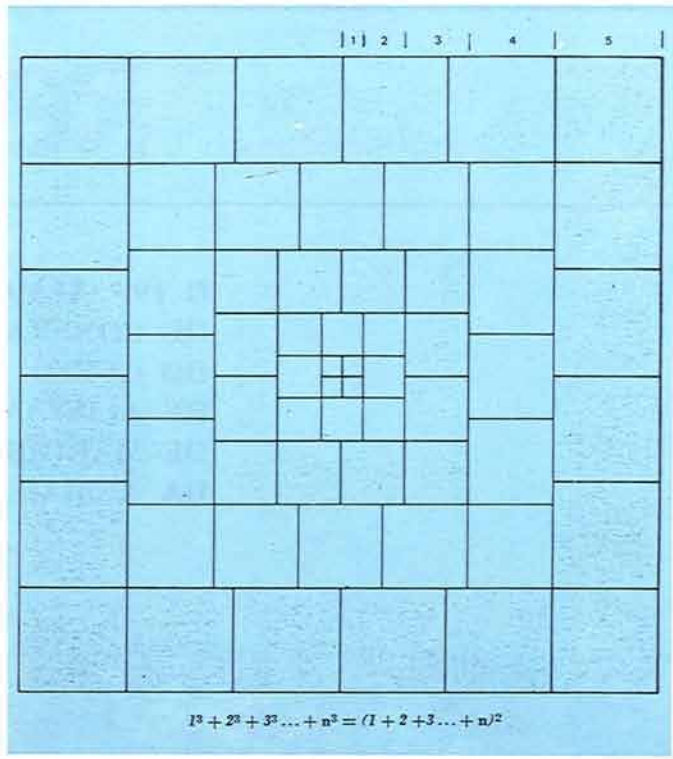



*Figura 5b*

diagrama correspondem à soma dos números que estão contidos nas respectivas tiras em ângulo recto desenhadas no diagrama. No caso da figura construída para os primeiros cinco números, a soma de todos os números será $1^3+2^3+3^3+4^3+5^3$. Como este quadrado é a tábua de multiplicação de 1 a 5 a soma de todos os números será também $(1+2+3+4+5)$ $(1+2+3+4+5)$ ou seja $(1+2+3+4+5)^2$. A prova não é de carácter visual geométrico mas sim aritmético. No entanto, uma prova geométrica pode ser, entre outras, a que se apresenta na figura 5b. Os quadrados em que o maior se divide têm lados de 1, 2, 3, 4, e 5. Cada quadrado de lado *n* aparece 4n vezes. Assim o quadrado de 1 aparece $4\times1$ vezes; o quadrado de 2 aparece $4\times2$ vezes; o de 3 aparece $4\times3$ vezes, etc. Então será a área total $4\times1\times1^2+4\times2\times2^2+$ $+4\times3\times3^3+....4\times n\times n^2$ ou seja $4\times1^3+4\times2^3+$ $+4\times3^3....+4n^3$ ou $4(1^3+2^3+3^3....+n^3)$. Como o quadrado grande tem de lado $2(1+2+3....+n)$ a sua área será $[2(1+2+3....+n)]^2=2^2(1+2+3...+n)^2=$ $=4(1+2+3....+n)^2$. Temos então que $4(1^3+2^3+$ $+3^3....+n^3)=4(1+2+3....+n)^2$ e dividindo ambos os termos da igualdade por 4 temos a identidade que queríamos provar. É claro que sendo a soma dos primeiros *n* números inteiros dados por $\frac{n(n+1)}{2}$ a soma dos cubos dos *n* primeiros números inteiros poderá também escrever-se $\left[\frac{n(n+1)}{2}\right]^2$

*O. Lemos*
*Cap.-frag.*

## CURIOSIDADES NAVAIS

Os E.U.A. e o Reino Unido estão a coordenar planos para a desobstrução do Canal de Suez. Assim que estiver livre, um petroleiro americano será o primeiro navio a atravessá-lo.

O estaleiro Oy Warlsila lançou à agua o primeiro dos cinco paquetes de cruzeiro de 15 000 t a b que lhe foram encomendados pela empresa V/0 Sudoimport. Este paquete denominado «Belyrussija» é destinado a cruzeiros turísticos no Mar Negro.

Os estaleiros navais de Viana do Castelo e os armadores noruegueses Stoet Nielsen assinaram um contrato para a construção de 2 navios de 23 000 ton. cada um que serão utilizados no transporte de produtos químicos.

*(In «Boletim Analítico» da J. N. M. M. – Abril 74)*

## COMO SE DEVE BEBER CAFÉ...

Dizem os espanhóis (?) que o café deve ser tomado conforme o significado das letras com que se escreve a palavra café. Assim, teremos:

C – Caliente (quente)
A – Amargo (não doce)
F – Forte (forte)
E – Escasso (pouco).

# O 19.º ALMOÇO DE CONFRATERNIZAÇÃO DO CURSO DE ALISTAMENTO DE MARINHEIROS DA ARMADA DE 1933

No complexo turístico da Torralta, em Tróia, realizou-se no dia 5 de Maio passado a tradicional jornada de convívio do Curso de Alistamento de Marinheiros da Armada do ano de 1933.

O almoço de confraternização, a que estiveram presentes cerca de uma centena de pessoas entre antigos alunos marinheiros e seus familiares, foi oferecido pelo contra-almirante Sarmento Rodrigues, que a ele presidiu e teve lugar no restaurante da Torralta. Foram uns momentos alegres, onde todos os presentes passaram umas horas de agradável convívio, ora recordando peripécias passadas pelos intervenientes há quase meio século, ora lembrando outras ainda recentes.

A concentração para esta reunião fez-se em Lisboa e começou com a celebração de uma missa, por memória dos camaradas já falecidos, na capela do Colégio do Bom Sucesso, tendo sido oficiante o capelão da Armada graduado em primeiro-tenente Delmar da Silva Gomes Barreiros. Depois da missa seguiu-se uma romagem ao cemitério da Ajuda, onde os antigos «filhos da escola» depuseram uma coroa de flores no túmulo do seu patrono, almirante Gago Coutinho.

# TOMADA DE POSSE DO VICE-CHEFE DO ESTADO-MAIOR DA ARMADA

No dia 9 de Maio, no Gabinete do Ministro, o chefe do Estado-Maior da Armada, vice-almirante Pinheiro de Azevedo, investiu nas funções de vice-chefe do Estado-Maior da Armada o capitão-de-mar-e-guerra Marques Abrantes, até agora no desempenho do cargo de chefe da 4.ª Divisão do

Estado-Maior da Armada.
Ao acto assistiram os chefes das várias divisões do Estado-Maior da Armada e outros oficiais ali em serviço, bem como os oficiais que trabalham no Gabinete do Ministro e do chefe do Estado-Maior da Armada.

## REUNIÃO DE OFICIAIS, SARGENTOS E PRAÇAS DA ARMADA NAS SITUAÇÕES DE RESERVA E DE REFORMA

No passado dia 25 de Maio, nas antigas instalações da Escola Náutica, no Ministério da Marinha, reuniram-se algumas centenas de militares da Armada – oficiais generais, superiores e subalternos, sargentos e praças – nas situações de Reserva Aa e de Reforma, a fim de tratarem e discutirem assuntos de interesse para o pessoal nestas situações.

Na sessão, que foi presidida pelo comodoro João Maria Alegria, foi nomeada uma comissão que se avistará com o chefe do Estado-Maior da Armada.

## A «REVISTA DA ARMADA» FESTEJOU O SEU 3.º ANIVERSÁRIO

Mantendo o que já vem sendo tradição, reuniram-se na Secretaria da nossa Revista quase todos os que nela trabalham – director, corpo redactorial, pessoal da Secretaria e orientador gráfico –, a fim de comemorar a passagem do seu terceiro aniversário.

Houve bolo com três velas e com o «feliz aniversário» escrito, e a costumada taça de champanhe. Brindou-se pelas prosperidades da Revista e de todo o pessoal militar e civil da Armada.

# Quarto de Folga

## O «SUBMARINO»

É sabido quanto a maruja tem jeito para pôr alcunhas, mas estranho será talvez notar que a característica parece apresentar-se logo à nascença da vida «nestas casas». Foi o caso que, em 1937, quando o meu curso ostentava, com orgulho e transbordante alegria, o romântico galão de guarda-marinha, meteram-no na «Sagres» para a viagem de instrução de 300 mancebos voluntários, alunos marinheiros. Dividiram aqueles «bebés do mar» em turmas de quarenta e tal elementos e, a três quartos e três divisões, vai de atafulhar ciência e desembaraço bem como cultivar genica, a partir de um oficial e três guarda-marinhas para cada turma, coadjuvados por uns tantos mestres de manobra, todos prontos a, com mais ou menos humanidade, fazer daqueles elementos de carne tenra rijos lobos do mar.

Para ajudar à festa, lá estava a «Barca Sagres», com o seu massame, velame e poleame, oferecendo-se misteriosa àquela montanha de ignorância, pronta a tudo, até a aprender alguma coisa, tal a ânsia de seguir a carreira do mar.

A coisa apresentou-se abarrotante, mas os rapazes, com a maior galhardia, mostravam-se realmente dignos dos seus voluntários propósitos.

Não demorou muito tempo para que, a um determinado mancebo, surgisse o chamamento de «submarino». Ó submarino para aqui, ó submarino para acolá. Eu, que me pelava por coisas deste género, tentei logo desvendar a razão da alcunha.

Por mim só, com o meu poder dedutivo, não fui capaz. Então resolvi perguntar a um deles. Obtive a resposta de que «era por ter os pés grandes».

Realmente o rapaz tinha uns pés de calibre de couraçado, mas a verdade é que não lhe alcancei o humor, ou melhor, achei que não tinha havido grande humor na alcunha. Em que é que uns pés grandes se pareciam com um submarino? Não via.

Até que uma tarde cacei a coisa. Os rapazes, nas reduzidíssimas horas de lazer, aproveitavam-nas para umas sessões de «sorna», estirando-se ao sol, pelo convés, pelo castelo, formando uma «massa de mortos», homogénea e contínua, lado a lado, corpos com corpos, «batendo» o mais depressa possível, para render, uma «baderna» reparadora para um corpo moído por um trabalho desmedido, dia e noite, a três quartos, com aulas e instruções à mistura, que os atirava para as características de desancados e um futuro de corpo rijo para o mar e impressionante resistência à fadiga.

Pois bem, olhando aquela massa homogénea de corpos, vi um oceano ondulado de mar chão e, no meio dele, qualquer coisa que atraía irresistivelmente a atenção – os notáveis pés do moço, que afloravam dominadores perscrutando o horizonte, quais periscópios de imaginário sumarino. A alcunha estava cheia de espírito e de adaptação às coisas do mar de um bom punhado de «marinheiros de cueiros».

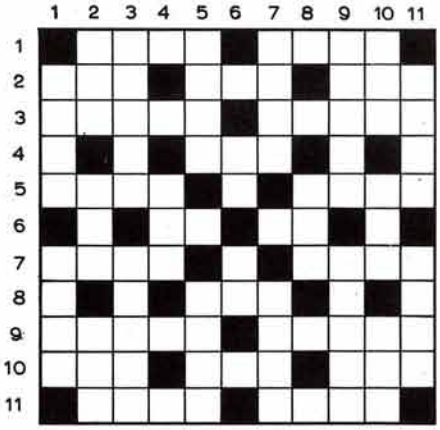
*Capt. Zuzara*

## MÁXIMAS CHINESAS

**Aquele que amontoa tesouros tem muito que perder.**

*Lao-Tsé*

## PALAVRAS CRUZADAS



**HORIZONTAIS:**

1 – Nome próprio feminino; justapor. 2 – Andavam; possuir; lírio. 3 – Motivo; ave trepadora. 4 – Catálogo. 5 – Alegram-se; vaidoso. 6 – Outra coisa; letra grega. 7 – anual; buraco. 8 – Em companhia de. 9 – Indivíduo a quem foram funestas as suas pretensões ou ambições; aguça. 10 – Morda (inv.); doçura; curso de água natural. 11 – Ramalhete; conduz à sirga.

**VERTICAIS:**

1 – Levantar; transfere para outro dia. 2 – Nome de um rio (inv.); cada um dos dois corpos que uma corrente desagrega; colorido. 3 – Isento; tivera amor. 4 – Doença. 5 – Ligar; devoro. 6 – Artigo (pl.); pedra para amolar. 7 – Terra cultivada; caixa de madeira ou de coiro. 8 – Bagatela (fig.). 9 – Nome próprio; osso do braço. 10 – Gracejar; ninho (fig.); esteiro. 11 – Nome de rio; cão de fila.

*Carmo Pinto*
*1.º-sarg. H*

*(Solução na pág. 34)*

## SABE?

1 – O primeiro número da «Revista da Armada» saiu em 1971:
Maio
Julho
Agosto

2 – A fragata «D. Fernando II e Glória», desaparecida num incêndio, foi muitos anos sede da Brigada de:
Mecânicos
Artilheiros
Manobras

3 – José de Semedo Maia, apenas com uma nau, expulsou os ingleses, em 1733, de:
Cabinda
Noqui
Santo António do Zaire

4 – Luís Gomes da Silva comandava uma nau da esquadra que descobriu:
O Brasil
Os Açores
A Índia

5 – A «Arte da Guerra do Mar» é da autoria de:
Maurício de Oliveira
Fernando de Oliveira
Augusto Soares de Oliveira

6 – Os portugueses entraram pela primeira vez em Ceilão em:
1514
1515
1518

7 – A Capela existente no Ministério da Marinha tem como orago:
S. Jorge
S. Roque
S. Pedro

8 – A ilha conhecida pela «Pérola do Atlântico» é:
Porto Santo
S. Miguel
Madeira

9 – O vice-almirante Machado dos Santos era da classe de:
Engenheiros maq. navais
Administração naval
Marinha

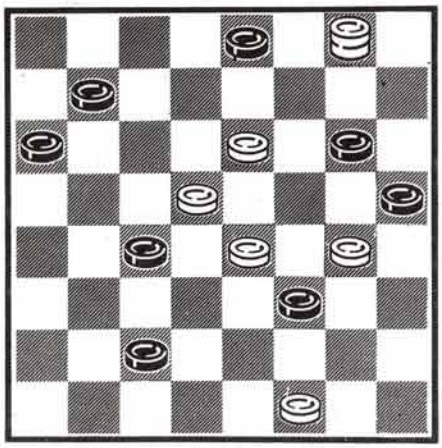
10 – O comandante Eugénio Conceição Silva notabilizou-se como:
Astrónomo
Geólogo
Hidrógrafo

*SEASA*
*Cabo aux. RA*

*(Solução na pág. 34)*

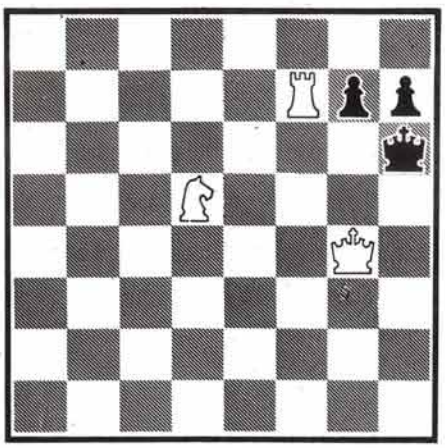
## DAMAS

*(Solução na pág. 34)*



**As brancas jogam e ganham**

## XADREZ



**Jogam as brancas e dão mate em 3 lances.**

*(Solução na pág. 34)*

## CONCURSO N.º 34

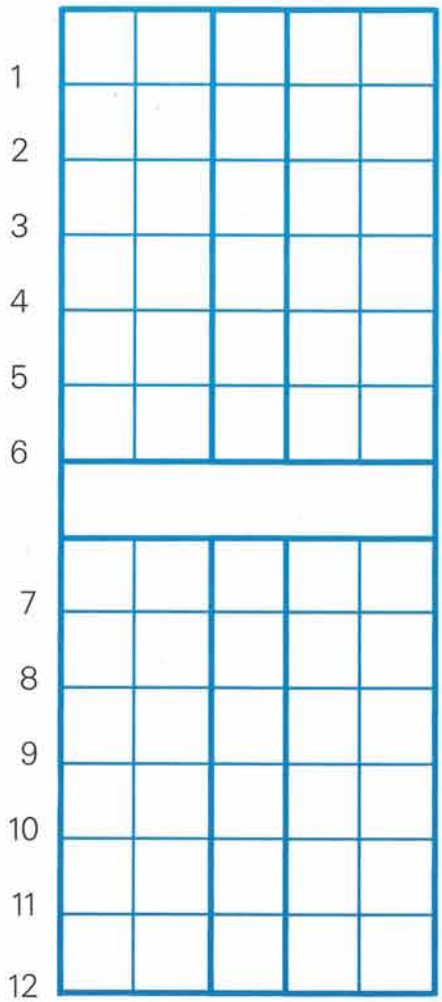
Sorteio de um prémio entre as respostas certas.

A L S B A V W M X R E A O L I N G K N M
V S P L M D T A R V G D R A W B E U U U
O O U N B F G E A F G M T I G R E U T G
D V K D R P D B F M A A R L M R R S O O
A A E R E O G A M I M A R T I N O O R E
S R E G I N F A F S O I R R K N O R L A
P A N T E A O V V S E R V O L M A R I C
R R A F V G K A A I S S O P U O C R B H
C A R V A O G A R S B B U U Z W K Y A A
O R O N O T A T O S O N E R A F A F R R
U U A A B F D C P I D N F A R R G A X I
B E O A G U A R R P A Z A I R E G K X X
A G U A D A K W A I R M M R A O I P P A
A V A K E A V O S C O L U M B I A K K X
O B A F F B J J E A L K A M F W E M X D
D O U R O T K F V A O G G D D B O P T G
G M O G E D N O M K C A C A T E R K I I
G D U A N Z A G F R E K G E T P W M Y Y
W P P G K W F B J Ç Q S A R O P F W Q X
K L S S A R B S O H L E M R E V X G G A

Procurando em todos os sentidos, menos obliquamento, veja se descobre o nome de 15 rios do Mundo.

*L. Ribeiro*
*Mar. L*

## PILHA DE PALAVRAS



1 – Engano. 2 – Brenha. 3 – Simples. 4 – Ardor. 5 – Fogaça. 6 – Débil. 7 – Dizer. 8 – Armada. 9 – Aversão. 10 – Filhó. 11 – Lasca. 12 – Felpa.

Depois de resolvido este passatempo, na coluna central, o leitor encontrará o nome de dois pontos importantes de Moçambique e de Angola. Este passatempo apresenta a particularidade das palavras se iniciarem pela letra «F».

*Basto Carreira*
*Cap.-m.-g.*

**– Então, meninas, nem tanto, nem tanto, não era isso que eu queria dizer quando recomendei que dessem as boas-vindas ao novo chefe!...**

# SOLUÇÕES

## PALAVRAS CRUZADAS

**HORIZONTAIS:**

1 – Rita; apor. 2 – Iam; ter; Iis. 3 – Causa; Arara. 4 – Rol. 5 – Riem; tolo. 6 – Al; pi. 7 – Anal; lura. 8 – Com. 9 – Ícaro; acera. 10 – Aor; mel; rio. 11 – Ramo; atoa.

**VERTICAIS:**

1 – Içar; adia. 2 – Raa; ion; cor. 3 – Imune; amara. 4 – Mal. 5 – Atar; como. 6 – Os; mó. 7 – Aral; mola. 8 – Til. 9 – Olavo; úmero. 10 – Rir; lar; ria. 11 – Sado; alão.

## DAMAS

**Brancas**

1. 22 – 27
   2 – 5
   19 – 22
   29 – 3
   3 – 16 e ganham.

**Pretas**

30 – 23
10 – 1 = D
1 – 26
17 – 10

## SABE?

1 – Julho. 2 – Artilheiros. 3 – Cabinda. 4 – O Brasil. 5 – Fernando de Oliveira. 6 – 1518. 7 – S. Roque. 8 – Madeira. 9 – Administração naval. 10 – Astrónomo.

## XADREZ

| Brancas | Pretas |
|---|---|
| 1. cf4 | g5 |
| 2. ch5. etc. | |
| Se: | |
| 1. — | g6 |
| 2. Ce6, etc. | |

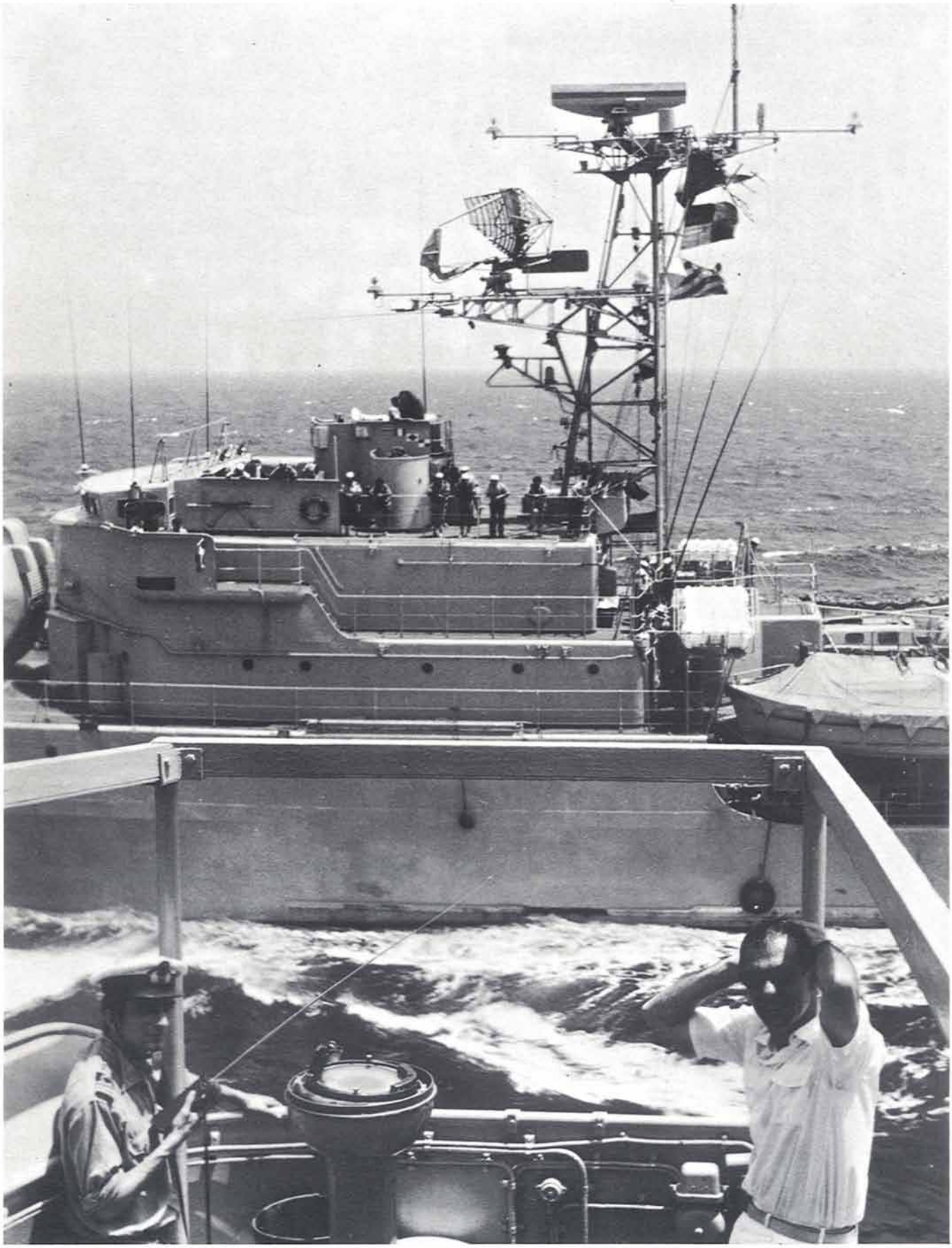
## PILHA DE PALAVRAS

1 – Finta. 2. – Fraga. 3 – Fácil. 4 – Flama. 5 – Folar. 6 – Fraco. 7 – Falar. 8 – Frota. 9 – Fobia. 10 – Frito. 11 – Fatia. 12 – Froco. (Nacala; Lobito.)

## SOLUÇÃO DO CONCURSO N.º 32

Luís Vaz de Camões.
Nau «S. Bento».
Fernão Álvares Cabral.

Vencedor:
Carlos Silva, ex-praça da Armada, de Lisboa.



**O N.R.P. «S. Gabriel» reabastecendo a fragata «Comandante Sacadura Cabral» ao largo do arquipélago de Cabo Verde.**

*(Foto do capitão de fragata Carlos Pacheco Pinto)*

# Na última viagem de instrução da fragata "PERO ESCOBAR"

Um pelotão de aspirantes da nossa Armada e a «Pero Escobar» re-representaram Portugal nas comemorações do 200.º aniversário da Escola Naval da Turquia.

Elementos da guarnição da «Pero Escobar» na Acrópole, Atenas.

A «Pero Escobar» fundeada em Cartagena.